

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

WILDES ERNESTO MATLOMBE

**A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU NO PROCESSO FORMATIVO DE CRIANÇAS: UM
ESTUDO SOBRE O MUSEU ABERTO DE MACIENE-CHONGOENE EM
MOÇAMBIQUE**

TRÊS LAGOAS

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

WILDES ERNESTO MATLOMBE

**A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU NO PROCESSO FORMATIVO DE CRIANÇAS: UM
ESTUDO SOBRE O MUSEU ABERTO DE MECIENE-CHONGOENE EM
MOÇAMBIQUE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Sob orientação do Prof. Dr. Paulo Fioravante Giareta.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Formação de Professores.

TRÊS LAGOAS

2025

Relatório de defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo FioravanteGiaretta

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Presidente da Banca

Prof^a. Dr^a. Mariana Esteves de Oliveira

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Membro Interno

Prof^a. Dr^a. Sheila Fabiana de Quadros

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Nadia Bigarello

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por me levantar todas as vezes que caí e por me atender todas as vezes que pedi. Por sempre iluminar meus caminhos, me dando força para seguir na luta diária.

À minha pequena grande família que é a razão desta vitória. Gostaria de dedicar a toda família sem exceção e dizer que graças a vocês consegui vencer, uma vitória de todos nós! Os quais são a minha base, em especial a minha mãe, a Sra Violeta Mariana Nhabanga, sou o que sou graças a ela. Aos amigos e colegas do curso, obrigado pelo companheirismo e força nos tempos de vida acadêmica.

E deixar registrado também, um agradecimento especial, a Prof^a. Dr^a. Kayell, por ter nos cedido a casa para morar por um ano, este gesto foi marcante e louvável.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr Paulo Fioravante Giareta, pela sua forma calma, dedicada e paciente de trabalhar com os seus orientandos, por todas as oportunidades dadas ao longo do curso, pelos ensinamentos na realização deste trabalho.

Agradeço mais ainda por todo conhecimento que adquiri durante todo esse tempo na Universidade Federal do Mato Grosso de Sul, em especial ao curso de Educação. Ao Prof. Dr. Tarcísio, que além de professor, tornou-se um amigo, agradeço bastante a sua forma de estar e de querer ajudar o próximo, os agradecimentos são extensivos a Prof^a. Dr^a. Valeria, pelo apoio incondicional em termos de alimentação.

A todos (as) professores (as), por todos os seus ensinamentos, ao colega Bruno, por estar sempre disponível em ajudar.

E a todos meus familiares e amigos, que ao longo desta batalha, de forma direta ou indireta foram colaboradores desta realização, que sempre estiveram ao meu lado, mostrando oportunidades de crescimento nas minhas conquistas profissionais. A todos e todas, muito obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL) e vinculada à linha de pesquisa Políticas Públicas e Formação de Professores, tem como objeto a função educativa do Museu aberto de Maciene. Responde pelo objetivo geral de analisar a contribuição do Museu aberto de Maciene, no processo de formação das crianças. Consequentemente, pelos objetivos específicos de identificar as atividades realizadas no Museu para o processo formativo das crianças; explicar as funções pedagógicas do Museu no processo de formação escolar das crianças; e descrever as características históricas do Museu aberto de Maciene na perspectiva da comunidade educativa. Estrutura-se a partir da problemática da análise de como o Museu aberto de Maciene pode contribuir para o processo formativo da criança? Metodologicamente, a pesquisa indica para uma análise qualitativa, com o aporte da Análise Documental e da análise dos dados levantados e organizados a partir da aplicação de Entrevista com discentes e docentes que participam de projetos formativos vinculados ao Museu aberto de Maciene. Como resultado da pesquisa é possível indicar que o Museu desempenha uma importante contribuição na educação, assim como na comunidade de Maciene, pois as crianças aprendem através dos objetos e aprendem a conservar e preservar os locais históricos. Ainda, a pesquisa indica que o Museu tem um papel relevante na formação dos sujeitos que vivem na comunidade onde está o Museu e no estudo do passado e das lutas deste povo através dos objetos.

Palavras-chave: Funções dos Museus. Educação Patrimonial. Museu aberto de Maciene. Crianças.

ABSTRACT

This research, developed in the Graduate Program (Master's) in Education at the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas Campus (CPTL), and linked to the Public Policy and Teacher Training research line, focuses on the educational function of the Maciene Open Museum. Its general objective is to analyze the contribution of the Maciene Open Museum to children's educational development. Consequently, its specific objectives include identifying the activities carried out at the Museum for children's educational development; explaining the Museum's pedagogical functions in children's educational development; and describing the historical characteristics of the Maciene Open Museum from the perspective of the educational community. It is structured around the question of how the Maciene Open Museum can contribute to children's educational development. Methodologically, the research suggests a qualitative approach, supported by documentary analysis and data collected and organized through interviews with students and teachers participating in training projects linked to the Maciene Open Museum. The research suggests that the Museum plays an important role in education, as well as in the Maciene community, as children learn through the objects and learn to conserve and preserve historical sites. Furthermore, the research indicates that the Museum plays a significant role in the education of individuals living in the community where the Museum is located and in the study of the past and the struggles of this people through the objects.

Keywords: Functions of Museums. Heritage Education. Maciene Open Museum. Children.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FRELIMO: Frente de Libertação de Moçambique

RENAMO: Resistencia Nacional Africana

ONU: Organização das Nações Unidas

UNISAVE: Universidade de Save

UNESCO: Organização das Nações Unidas Para Educação, Ciência e Cultura

FIG: Figura

ICOM: Conselho Internacional dos Museus

AMETRAMO: Associação dos Médicos tradicionais de Moçambique

TICs: Tecnologia de informação e comunicação

ACLIN: Associação dos Combatentes de Luta de Libertação Nacional

MNR: Resistencia Moçambicana Nacional

PNEM: Política Nacional de Educação Museal

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Moçambique	5
Figura 2 – Imagens da Ilhas de Moçambique	9
Figura 3 – Demonstração de material belgíco usado na Ilha de Moçambique durante o processo de escravatura	9
Figura 4 – Demonstração do relógio que indicava o tempo, durante as lutas de libertação.....	10
Figura 5 – Mapa ilustrativo do Distrito de Chongoene.....	10
Figura 6 - Demonstração do Jogo de quebra-cabeça no Museu Aberto de Maciene...	26

LISTAS DE QUADRO

Quadro 1. Artigos levantados sobre a função educativa e formativa do Museu

.....

43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. HISTORIA, PRÁTICAS E FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS	5
1.1 História dos Museus em Moçambique	5
1.2 A função educativa do museu e sua relação com a escola	14
1.3 Eventos e atividades que podem ser realizados no Museu Aberto de Maciene	25
2. A FUNÇÃO EDUCATIVA-FORMATIVA DO MUSEU ABERTO DE MACIENE A PARTIR DA LEITURA DA COMUNIDADE	28
2.1 Relação entre Museu e a comunidade de Maciene	29
2.2 Preservação da memória e do patrimônio local	36
2.3 Impacto da educação patrimonial na disseminação do patrimônio cultural	39
3. A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE LOCAL SOBRE A FUNÇÃO EDUCATIVA-FORMATIVA DO MUSEU	43
3.1 A função educativa-formativa nos artigos científicos	43
3.2 A função educativa-formativa do Museu de Maciene na leitura das crianças, professores e curadores	53
SUGESTÕES.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	72

INTRODUÇÃO

Os museus são instituições culturais muito importantes em nosso tempo, dedicadas à arte, às ciências e à história. As coleções e exposições que os espaços museológicos organizam passam a interessar à um número crescente de pessoas nas mais diferentes regiões do mundo. Povos e cidades, pequenas ou grandes regiões e estados, continuamente passam a demandar estruturas museológicas e sua função cultural e formativa. Mesmo empresas, clubes e associações de diferentes tipos tendem a investir nas estruturas museológicas ou centros de memória (Bettencourt, 2017).

Em Moçambique, a contribuição do Museu aberto de Maciene, objeto da presente pesquisa, pela sua pertinência no processo de ensino e aprendizagem, é assumido como uma das estruturas com potencial para contribuir na valoração e conhecimento da importância Museológica no processo de ensino-aprendizagem, para além e ou de forma articulada à sala de aula.

Nesse sentido, parte-se da hipótese de que, independentemente do público visitante do Museu (estudantes das mais diversas etapas da educação escolar, adulto já formado, até mesmo de pessoa sem instrução formal) é possível reconhecer o desenvolvimento de alguma forma de aprendizagem, ou seja, o museu consegue se estruturar como espaço formativo. É possível reconhecer, também, que as experiências educativas decorrentes do contato com as instituições museológicas, se estruturam a partir de diferentes linguagens, resultando em experiências positivas, quer para quem desenvolve uma linguagem mais visual de aprendizagem, quanto para aqueles com uma linguagem centrada na leitura e ou exposição oral. Assim a possibilidade de interação com os objetos históricos figura-se como fator privilegiado para o processo de formação, o que, de certo modo, viabiliza a aprendizagem de forma objetiva e qualificada (Caldeira, 2021).

Autores como Caldeira (2021) e Azevedo (2010), ao abordarem a necessidade de preservação dos museus, focam na sua razão de ser enquanto objeto cultural, portanto, educativo e formativo. Assim, reconhecendo a ausência de estudos locais que abordem os museus como uma fonte de ensino pelo contato com os objetos e, de forma concreta, com potencial para subsidiar as práticas educativas no ensino primário, a presente pesquisa se justifica acadêmica e cientificamente. Complementa-se, ainda, como justificativa da pesquisa, o envolvimento do pesquisador com os espaços do Museu aberto de Maciene e pela relação que o pesquisador tem com os projetos do Museu em espaços escolares, pois atua como professor na especialidade de alfabetização de crianças.

A atuação do pesquisador enquanto professor configura-se dentro da abordagem da pesquisa-ação, uma metodologia que articula prática e investigação de forma indissociável. Nesse contexto, o docente não se limita à transmissão de conteúdo, mas assume um papel ativo na análise crítica e na transformação do processo educativo, por meio da reflexão sistemática sobre sua própria prática. A pesquisa-ação, ao considerar o ambiente escolar como um espaço legítimo de produção de conhecimento, permite ao professor-pesquisador identificar problemas concretos, propor intervenções e avaliar os impactos dessas ações no cotidiano pedagógico.

Assim, promove-se uma construção coletiva do saber, fundamentada na vivência e na participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo educativo, reforçando o compromisso ético e social da pesquisa em educação. Proposição que pode auxiliar na produção de temáticas educativas que possam contribuir no processo de ensino-aprendizagem das crianças do primeiro ao sexto ano de escolaridade através dos museus.

A opção pelo nível de escolaridade, por sua vez, se justifica pela oportunidade das crianças, ainda na educação primária, terem a possibilidade de conhecer e contribuir na preservação da história, objetos, documentos e obras, bem como, de dispor da oportunidade da interação concreta, nos casos onde é possível desenvolver os processos cognitivos que assentam em experimentos museológicos.

Metodologicamente, a pesquisa se estrutura a partir da abordagem qualitativa e documental. Mayring (2000) define a pesquisa qualitativa como um processo adaptado, não padronizado ao objeto de estudo, que possui caráter comunicativo e está inserido no contexto de métodos e técnicas que respondam um caráter processual e reflexivo.

A referida abordagem utilizou, como técnica de coleta de dados, entrevistas e questionários, direcionados à obtenção de informações junto a indivíduos de diferentes faixas etárias, distribuídos de acordo com o gênero, de forma a apurar o conhecimento que se tem sobre o Museu e sua importância para a formação pedagógica das crianças.

Pode-se afirmar que os sujeitos dessa pesquisa contou com a participação de diferentes grupos sociais, selecionados de forma a garantir a diversidade de perspectivas e a riqueza dos dados coletados. Entre os participantes, destacam-se as crianças matriculadas na Escola Primária de Maciene, os professores atuantes na mesma instituição, membros da comunidade local e os curadores dos museus envolvidos.

A escolha desses sujeitos justifica-se pela sua relação direta com o contexto investigado, permitindo uma análise mais aprofundada e contextualizada dos fenômenos estudados. Como refere Triviños (1987), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

A escolha da abordagem qualitativa se deve ao fato da pesquisa buscar explorar e interpretar complexidade dos fenômenos. Receberá ainda aporte da técnica da Análise Documental, que conforme definido por Godoy (1995), além de ser um procedimento de pesquisa com características específicas, com finalidades de investigação muito próprias, pode ser também utilizada como uma técnica complementar, validando e aprofundando dados obtidos por meio de outros procedimentos como, entrevista semiestruturada citada anteriormente.

Na análise documental, o pesquisador analisou os documentos que abordam sobre a origem dos Museus em África e em Moçambique, com especial atenção o Museu aberto de Maciene, bem como documentos de políticas públicas ligadas ao museu. Tal visava complementar a revisão bibliográfica junto a artigos e dissertações que falam sobre a contribuição dos museus no processo formativo das crianças, fotografias, arqueologia e relatórios feitos por organizações Governamentais e não Governamentais.

Na entrevista foi elaborado um conjunto de questões contendo perguntas abertas e fechadas, considerando o objeto da pesquisa. Primeiro a pesquisa consistiu em contatar as estruturas locais, diretores de escola e os curadores do Museu, e explicar a proposta de modo a receber a sua autorização para iniciar a pesquisa.

As entrevistas foram desenvolvidas individualmente, em horário previamente definido pelos participantes, porém, foram realizadas no Museu, na sala de aula, e em locais públicos, conforme a escolha dos entrevistados.

Importa salientar que, no decorrer das entrevistas, foram adotados nomes fictícios para todos os participantes, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa. As crianças foram identificadas como Criança A, Criança B, Criança C, e os professores como Professor A, Professor B, Professor C, entre outras designações similares, com o objetivo de assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações prestadas.

Por fim, a técnica da observação que se baseou em observar os fatos, na sala de aula, durante a exposição e a relação que os visitantes têm com os curadores;

Como ressalta Gil (2000), a observação constitui a maneira mais apropriada para conhecer a realidade, visto que se caracteriza por um mínimo de intervenção do pesquisador no campo de estudo

A análise dos dados coletados no campo de pesquisa foi conduzida com rigor metodológico, pautando-se no respeito à realidade empírica observada e na interpretação dos fenômenos tal como se manifestaram. Buscou-se, assim, manter a fidelidade tanto à expressão

dos fatos quanto às compreensões emergentes do contexto investigado, assegurando uma leitura coerente e fundamentada da realidade estudada.

Minayo (2009), entende por análise de dados como a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade, vincula pensamento e ação.

Na análise de dados, o pesquisador, cortejou as duas coletas, entrevista e observação, avaliou até que ponto os discursos revelaram-se convergentes, apresentando alinhamento quanto aos temas centrais abordados na pesquisa. Considerou todas as técnicas de pesquisa usadas, para permitir uma análise de maneira transversal (entrevista, análise documental e observação). Isso permitiu uma triangulação de dados para verificar onde convergem e onde divergem.

O texto está estruturado a partir de três (3) movimentos que abordam detalhadamente a influência dos museus para o processo formativo das crianças. No primeiro capítulo trata-se da história, práticas e função educativa dos museus: História dos Museus em Moçambique,

No segundo capítulo, procurou-se abordar sobre a função educativa-formativa do Museu aberto de Maciene a partir da leitura da comunidade. Este capítulo, faz uma análise do ponto de vista da visão da comunidade local sobre o Museu, buscando entender a relação entre a comunidade local e o Museu. Procura-se ainda compreender o impacto da educação patrimonial na disseminação do patrimônio cultural.

Por fim, o terceiro e último capítulo tem como objetivo a produção de conhecimento acerca da função educativa e formativa do museu, por meio do levantamento e análise de artigos científicos que abordam essa temática

1. HISTORIA, PRÁTICAS E FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS

A primeira seção da pesquisa, responde pelo esforço de posicionar a compreensão sobre as práticas e funções educativas dos espaços museológicos, a partir de uma compreensão histórica, contudo, sem estender a leitura para a história do museu no continente africano, mas partindo das experiências museológicas de Moçambique, e, em seguida, detendo-se ao Museu aberto de Maciene.

1.1 História dos Museus em Moçambique

Segundo o manual de empreendedor, versão 2011, Moçambique está localizada na Costa Oriental de África, possui uma área de 799.380 km², dos quais 13.000 km² são de águas interiores, que se estende entre os Rios Rovuma (paralelo 10° 27' S) e Maputo (paralelo 26° 52' S) e os meridianos 30° 12' e 40° 51' latitude Leste. A fronteira terrestre, com uma extensão de 4.330 km, é delimitada a Norte com a Tanzânia, a Ocidente com o Malawi, a Zâmbia, o Zimbabué, a África do Sul (Província do Transval) e o Reino da Suazilândia e a Sul com a África do Sul (Província do Natal). Vide mapa na Figura 1:

Figura 1 – Mapa de Moçambique



Fonte: Acessado pela plataforma Google, pelo autor, em junho de 2025

Segundo a Resolução nº. 11, de 2 de junho de 2010, do Conselho de Ministros de Moçambique (Moçambique, 2010), os museus são instituições privilegiadas de preservação e divulgação da memória e da herança cultural material e imaterial. Pela sua especificidade, eles têm o potencial indispensável para uma intervenção contínua ao serviço do desenvolvimento da sociedade. Ao disporem da peculiaridade de preservar o património histórico local, o que configura um marco importante para as comunidades, pois nos objetos expostos os Museus representam a memória coletiva.

A anunciada Resolução nº. 11/2010, do Conselho de Ministros, aprova a política dos Museus em Moçambique, cujo objetivo é a preservação e valorização dos Bens Móveis do Património Cultural de Moçambique conforme previsto na Lei nº. 10, de 22 de dezembro de 1988 (Moçambique, 1988) e na Lei nº. 13, de 13 de fevereiro de 2009 (Moçambique, 2009), em particular, os bens à guarda das instituições museológicas.

Os referidos marcos legais, indicando a preocupação com o desenvolvimento de políticas de preservação dos museus em Moçambique, anunciam e se justificam como necessários para o desenvolvimento de um espírito de pertença e sentimento de conservação das locais histórias. Contudo, Cossa (2021, p.15) ressalta que abordar sobre os museus em Moçambique não pressupõe vê-los numa perspectiva a parte do que acontece pelo mundo. “Trata-se apenas de um meio para discutir a atuação ou funcionamento dos museus a nível nacional, tendo em conta um conjunto de particularidades como a história do país e todos os processos identitários e culturais a elas inerentes”.

Portanto, é importante e pertinente saber que Moçambique é um país com muitas culturas, e essas culturas deve-se as variações linguísticas que o país tem. Nessa lógica, os museus em Moçambique sofrem variações regionais, conseqüentemente, caracterizam os objetos que o Museu dispõe.

Cossa (2021, p.16), argumenta que:

Pelas leituras feitas, foi possível constatar que no contexto moçambicano quando se pensa no processo de implementação de um Museu leva-se muito tempo ou seja, o processo é muito demorado, devido à várias questões tais como: exiguidade financeira, questões de quadro pessoal qualificado, acesso ao acervo, disponibilidade de espaços específicos e de toda logística inerente. Como consequência disso, no processo de criação e implementação dos Museus e das Instituições Museológicas passa a ser imprescindível ter um espaço, ter um acervo e ter alguém para cuidar desse acervo, não importando muitas das vezes a qualificação atualmente desejada.

Porém a implementação dos Museus em Moçambique, por um dado momento esteve a serviço de Portugal, pois o país sofreu a colonização portuguesa por quase 500 anos, portanto

os objetos expostos nos primeiros museus representavam a história de Portugal, o que configurava ausência de história em Moçambique. Assim, depois da independência em Moçambique, em 1975, os museus passam à tutela da República Popular de Moçambique. Nesse período o governo de Moçambique passou a focar na recuperação dos bens patrimoniais e a sua conservação.

A implementação dos museus em Moçambique também tem seus constrangimentos devido à ausência de fundos para a criação dos mesmos, por vezes, por falta de visitantes que não valorizam os espaços museológicos. Como afirma Semedo & Ferreira (2011), ao destacar os constrangimentos, residem nos pressupostos teóricos estabelecidos para a criação das instituições, no sentido de serem ou não estreitamente cumpridos na prática e se a sua implementação obedece aos critérios fundamentais que a instituição deve oferecer para que constituía uma atração de diferentes públicos com a capacidade de interação social.

Fatores como as desigualdades sociais, a pobreza, a miséria, podem estar por trás da falta de fundos específicos para a criação dos museus, justamente por ser um vasto território e com marcas de um passado mergulhado na escravatura, porém as fontes arqueológicas poderiam ser usadas para fazer viver o passado. Como refere Alde (2016, p.8), citando Departamento de Museus, na Direção Nacional do Património Cultural do Ministério da Cultura e Turismo, “em Moçambique existem 26 Museus e projetos de Museus tutelados por vários organismos públicos e privados, que foram surgindo desde o período colonial até ao presente”.

Diante do exposto, Moçambique, por se constituir a partir de várias etnias, demanda por mais e mais variados museus representando a diversidade da historicidade do conjunto das comunidades, ausência de investimento amplamente justificada pelas restrições orçamentárias do país.

O Decreto nº. 26, de 1993 (Moçambique, 1993), criou o ARPAC - Arquivo do Património Cultural e aprovou o seu respectivo estatuto orgânico. Porém, em quase todo país a instituição só funciona nas capitais das províncias, provocando déficit nos distritos, o que contribui para o desconhecimento dessa instituição. As políticas foram criadas, mas a sua implementação parece estática, devido à ausência dos fundos para descentralização dessas instituições. Nos distritos pouco se tem informação sobre a existência do Arquivo do Património Cultural, que, em tese, se apresenta alinhada à Lei nº. 10, de 22 de dezembro de 1988 (Moçambique, 1988), que define a proteção legal dos bens materiais e imateriais do Património Cultural Moçambicano.

Figura pertinente reconhecer a necessidade de que a cultura de uma comunidade seja valorizada e transmitida de geração em geração, firmando-se, de forma concreta, como um bem

patrimonial. Constatação que recebe, inclusive, contornos legais pela Resolução nº. 12, de 10 de junho de 1997 (Moçambique, 1997), mediante reconhecimento do papel da Cultura como componente determinante da personalidade dos moçambicanos e considerando a sua valorização como um elemento fundamental para a consolidação da Unidade Nacional, da identidade individual e de grupo.

Cossa (2021, p.28), indica que as Instituições Museológicas em Moçambique, principalmente as públicas, não têm um horário uniformizado para o seu funcionamento. Em sua tese dá um exemplo de funcionamento de alguns museus em Moçambique:

Museu de História Natural abre das 08:00 às 15:30 horas, funcionando de Terça-feira à Domingo (exceto 1 de Janeiro, 1 de Maio e 25 de Dezembro). O Museu Nacional da Moeda tem funcionado de Terça à Sexta-feira das 11:00 às 17:00 horas, aos Domingos e Feriados das 14:00 às 17:00 horas. O Museu Nacional de Geologia tem funcionado de Terça a Sexta-feira, das 09:00 às 17:00 horas e aos Domingos e feriados das 14:00 às 17:00 horas.

Assim, diante do exposto não está citado o Museu Aberto de Maciene, provavelmente por ser um Museu que foi erguido com o esforço da comunidade e ainda não estar vinculado aos Museus Nacionais.

É muito importante compreender que além dos Museus Nacionais, tem os museus locais, que se encontram nas localidades, e que o seu funcionamento depende de vários fatores, como o interesse que a população tem com o museu; a disponibilidade da população em frequentar o espaço do museu; bem como, demandas e déficit estruturais, tais como a falta de energia elétrica, que pode ser um entrave para que as portas dos museus estejam abertas.

Infere-se que a Ilha de Moçambique foi o primeiro museu do país posterior à aprovação da Lei do Patrimônio Cultural. O Museu da História e Arte da Ilha de Moçambique é um local importante para entender esse aspecto do passado, com exposições que contam a história da escravidão e destacam a luta pela liberdade. Destaca-se que a Ilha fornece opções variadas de acomodação, desde pousadas, edifícios históricos, restaurados até hotéis com vistas deslumbrantes para o mar, é um destino culturalmente enriquecedor, onde os visitantes do Museu podem explorar a história fascinante e admirar a arquitetura colonial.

Figura 2 – Imagens da Ilhas de Moçambique



Fonte: Plataforma google, acessado pelo autor, em agosto de 2024

Essa imagem tem uma importância histórica muito valiosa, por mostrar como os navios chegavam da Ásia, à procura de especiarias. Conforme se vê na imagem, alguns barcos que transportavam especiarias para os demais territórios.

Figura 3 – Demonstração de material belgíco usado na Ilha de Moçambique durante o processo de escravatura



Fonte: Plataforma google, acessado pelo autor, em agosto de 2024

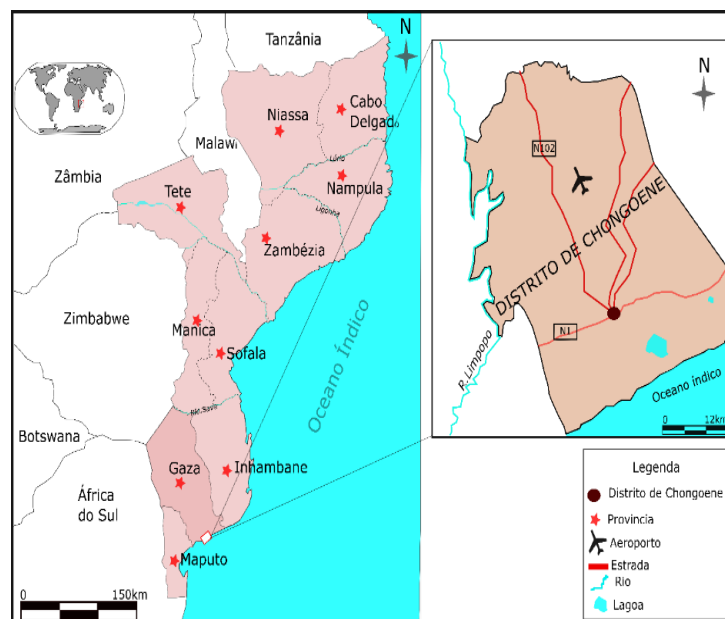
Figura 4– Demonstração do relógio que indicava o tempo, durante as lutas de libertação



Fonte: Plataforma google, acessado pelo autor, em agosto de 2024

Nesta senda da origem dos museus, temos também o Museu aberto de Maciene, objeto do presente estudo, que surge na perspectiva de valorização de espaços culturais. Esse museu situa-se a Sul da Província de Gaza, que é limitado, a Norte pelo Distrito de Chibuto (Posto Administrativo de Malehice), a Sul pelo Oceano Índico, a Leste pelo Distrito de Manjacaze e a Oeste pela Cidade de Xai-Xai, dista a 15 km da Capital Provincial, Cidade de Xai-Xai

Figura 5 – Mapa ilustrativo do Distrito de Chongoene



Fonte: Plataforma google, acessado pelo autor, em agosto de 2024

A população desse Distrito é de cerca de 212.459 habitantes. As principais atividades desta comunidade são agricultura, pecuária e pesca. A agricultura praticada é do setor familiar em grande escala e de regime sequeiro (depende praticamente de água de chuva). As principais

culturas praticadas são mandioca, amendoim, hortícolas e feijão nhemba. A atividade da pecuária tem sido exercida no setor familiar, onde predomina o gado bovino, caprino, suínos e aves. O gado bovino e caprino gerido pelos homens enquanto as mulheres cuidam das aves. A grande potencialidade nesta área é a existência de cursos de água (lagoas e rios), onde a prática da pesca é feita com redes de pescas canoas, barcos a remo.

O Museu em estudo foi criado em 2015, por iniciativa local, na sequência do enaltecimento da história de luta das cem pessoas assassinadas durante a guerra civil que assolou o país durante dezesseis anos (1976-1992), envolvendo o Governo e Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO).

Em termos de infraestrutura este Museu é composto por uma moradia rústica, uma biblioteca, um monumento comemorativo e zona de proteção bem como objetos usados no tempo da guerra, (armas brancas e convencionais, azagaias, enxada, catana e outros materiais bélico). Possui um edifício que contém uma sala de exposição, gabinete do diretor, duas casas de banho e uma Machamba, onde os curadores praticam a sua agricultura.

Ainda no recinto do Museu, um cemitério retrata a sepultura das cem vítimas da guerra civil. Além disso, tem à venda alguns bens (camisetas, obras literárias e chaveiros), que de alguma forma procuram responder as expectativas dos visitantes, ou por outra podem servir de uma lembrança para quem visitou e comprou os mesmos. Ao entrar no Museu, depara-se com apito que servia para ser tocado e lembrar a população que já está na hora de fugir da RENAMO. Porém, o Senhor D, líder local afirma que a RENAMO entrou naquela aldeia com o objetivo de sensibilizar a população local para a integrar o seu efetivo e fazerem parte da RENAMO. Não tendo conseguido realizar os seus objetivos, a RENAMO decidiu incendiar as palhotas que ali se encontravam, segundo o entrevistado, presume-se que tenham morrido mais de 100 pessoas no mesmo instante.

É importante deixar um breve historial sobre a guerra dos 16 anos: Bueno e Lamas (2021, p.109), afirmam que "Moçambique possui uma trajetória enquanto país independente ainda muito recente e que esteve durante a maior parte do tempo atravessada pela guerra". Importa destacar a guerra dos 16 anos e seus contornos, pois esta guerra mergulhou o país em extrema pobreza, tornando a população vulnerável na miséria e no desemprego.

Masseko (2019), ressalta que alguns conflitos, como o caso de Moçambique, foi resultado de influências externas, o autor, faz menção a duas grandes esferas de influência, a capitalista e a socialista. Em Moçambique após independência de 1975, a FRELIMO, alinhou-se ao regime socialista, que era visto como um regime totalitário, por parte dos partidos da oposição. Assim Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), era tida como o partido

que controla as massas e controla o estado, nesta vertente, não se podia levantar uma voz crítica contra o regime na época. A falta de diretrizes claras, do ponto de vista de divisão equitativa dos recursos, gerou um certo grupo de descontentes, que se consolidou até a fundação da RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique). Porém, não se pode deixar de fora a influência externa, para o fortalecimento desses movimentos.

Conforme Cumba (2025, p. 13), analisando a produção de autores como Robinson (2006), oferece uma análise mais profunda da formação da RENAMO.

Embora reconheça a influência das táticas contra insurgentes rodesianas na formação do movimento, o autor argumenta que a RENAMO atraiu uma variedade de opositores da FRELIMO, incluindo moçambicanos de diferentes grupos étnicos, além de brancos moçambicanos, portugueses e ex-membros da FRELIMO

Por um lado, a RENAMO aproveitou da falta de políticas da FRELIMO, para acabar com o desemprego, acabar com o elevado índice de marginalidade, por outro lado a marginalização dos grupos étnicos. Em setores chaves e de relevância os cargos de direção e chefia eram ocupados por pessoas de sul, neste caso, este último fator criou condições básicas para a RENAMO ter apoio por parte das pessoas do Norte e do Centro. Pois esses se sentiam marginalizados pelo Governo de dia.

Diaz (2022, p.10-11), afirma que a

Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) antagonizou o regime da FRELIMO em uma guerra civil que durou entre 1976 e 1992, ano em que os Acordos de Paz foram firmados. A guerra civil moçambicana se insere no âmbito do conflito bipolar da Guerra Fria, que determinou as alianças possíveis de cada parte no âmbito das relações internacionais.

Porém, é importante frisar que a Guerra entra em ação em 1977, dois anos após a independência. A RENAMO, tentava de várias formas sabotar o Governo do dia, inviabilizando a implementação dos planos da FRELIMO, destruindo estradas, queimando casas, destruindo pontes e acima de tudo destruindo escolas e hospitais.

Diaz (2022, p.11), afirma que:

Há outra abordagem que atribui a emergência da RENAMO aos problemas internos do governo e a introdução de políticas sensíveis às populações rurais. A orientação ideológica do governo e a marginalização das autoridades tradicionais produziu antagonismo em parte da população. A RENAMO usou a impopularidade do governo em certas áreas do país e o grupo tornou-se procurado por pessoas penalizadas pelo regime da FRELIMO.

Com o apogeu da FRELIMO, sobretudo no que diz respeito ao controle da máquina Governamentativa, houve a exclusão dos líderes tradicionais, por parte de quem deveria amparar, especificamente, deveria incluir na tomada de decisões.

Assim, Cumba (2025, p.20), analisando a produção de Hultman (2009) argumenta que as primeiras operações da RENAMO se concentraram nas regiões fronteiriças entre Moçambique e a Rodésia, principalmente em Manica. Em 1981, havia estabelecido uma rede de bases para lançar ataques em pequenas localidades, expandindo suas ações rumo à fronteira com o Malawi. A RENAMO, nas localidades não mediu esforços, a ideia mesmo era acabar com todos os que se diziam apoiantes da FRELIMO.

Masseko (2019, p.125), frisa que "é preciso salientar que desde os primeiros momentos da sua criação, a RENAMO assumiu dimensões internacionalistas, foi instrumentalizada, primeiramente, por regimes racistas da região, e, mais tarde, serviu aos interesses das potências capitalistas na luta contra a expansão do comunismo em Moçambique".

A sua gênese se deu sob bases controversas, já que alguns criticavam e outros aplaudiam seu trabalho, o que configuravam interesses divergentes. Ora a RENAMO era bem-vindo para aqueles cujo o seu propósito era tornar Moçambique num estado multipartidário, deixando para trás o comunismo, mais também existiam aqueles que estavam felizes por serem os únicos controlaram a máquina administrativa.

Diante desse pressuposto, Masseko (2019, p.134), ressalta que:

Fica provada a ideia de que não foi a RENAMO quem pressionou de forma direta o governo a implementar a democracia multipartidária, talvez indiretamente. O Protocolo II, referente aos critérios e modalidades para a formação e reconhecimento dos partidos políticos, assinado no dia 13 de novembro de 1991, entre a delegação do governo da República de Moçambique, delegação da RENAMO e equipe de mediadores, acordou a necessidade de garantir a implementação da democracia multipartidária, na qual os partidos concorram livremente. Nessa conjuntura, o multipartidarismo já era um dever constitucional, consagrado na Constituição de 1990, antes da RENAMO ter discutido o assunto formalmente com o governo.

Pode-se dizer que as causas internas foram movidas por causas externas para o surgimento da RENAMO, porém a junção desses fatores fortaleceu de certa forma o então movimento de guerrilha.

Cumba (2025), vem secundar o pensamento de Geffray (1991) e Pinto (1994), onde são unânimes ao defenderem que a RENAMO é resultado de um conjunto de razões, circunstâncias, vontades, sentimentos e ressentimentos que a população e uma parte da elite da FRELIMO tinha sobre as políticas implementadas depois da independência.

1.2 A função educativa do museu e sua relação com a escola

Entende-se que a educação é uma das funções centrais do museu. Este se caracteriza por ser um espaço de educação não formal que tem como objeto de trabalho o bem cultural (Studart, 2004). Portanto, guarda a expectativa de tornar as crianças mais ousadas, mais curiosas na busca da compreensão de um passado não vivido por elas, mas idealizado através dos objetos, das imagens que refletem o processo de escravidão e tortura daquela população.

O museu tem uma importante função didática que se vem consolidando através da aposta em projetos e ações de educação patrimonial, porém, convém trazer um paradigma na esfera da educação patrimonial, pois não se pode falar da função educativa dos museus e não falar da educação patrimonial.

À luz da Lei nº. 10, de 22 de Dezembro de 1988 (Moçambique, 1988), Patrimônio cultural é o conjunto de bens materiais e imateriais criados ou integrados pelo povo moçambicano ao longo da história, com relevância para a definição da identidade cultural moçambicana. O património cultural é constituído por bens culturais imateriais e materiais

Segundo o nº 6 da mesma Lei, os Bens classificados do património cultural são os bens culturais que sendo de valor excepcional gozam de uma proteção especial por parte do Estado.

Alguns teóricos ressaltam a necessidade de educação patrimonial pelo fato de os museus não serem instituições estagnadas no tempo, mas flexíveis e dinâmicos, que facilitam e orientam a pesquisa, a pesquisa em interatividade. “A Educação Patrimonial tem se mostrado uma estratégia fundamental para a preservação do patrimônio cultural e histórico, permitindo que a sociedade conheça, valorize e se aproprie de sua história e identidade cultural” (Brandão, 2023, p. 15).

A referida análise possibilita afirmar que a educação patrimonial constitui uma ferramenta para conservação e valorização de monumentos históricos. O que constitui identidade de uma certa população, que pode se traduzir em hábitos e costumes.

Riffel (2017, p.48), analisando a produção de Pinheiro (2015) vem afirmar que as ações educativas para o patrimônio não devem resumir-se em “capacitar” para a preservação, empregando conceitos jurídicos, acadêmicos ou políticos, mas precisam pautar-se no pressuposto de que as pessoas são protagonistas desse processo de valorização e reconhecimento dos bens culturais

Diante do exposto, pode-se afirmar que a educação patrimonial não só ajuda a desenvolver uma consciência ativa nos cidadãos, mas também ajuda a fortalecer o espírito de

pertença e de conservação dos vários objetos que fazem parte da história, dependendo do ângulo que o Museu tenta descrever as suas narrativas.

Riffel, (2017, p.49-50), amplia o conceito da educação patrimonial ao referir que:

A Educação Patrimonial tem um papel decisivo no processo de preservação e valorização do patrimônio cultural, pois ela possibilita extrapolar as usuais abordagens acerca da preservação do patrimônio, permitindo que as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural, estabeleçam relações efetivas de conhecimento e preservação de suas práticas culturais.

É importante e fundamental a inclusão da educação patrimonial para as comunidades, assim como para as crianças, pois elas deixam de ver o objeto histórico como se não tivesse nenhum significado e interesse para a cultura. Valorizando o objeto histórico, está a valorizar a magnitude de uma certa comunidade. Sem a inclusão da educação patrimonial os locais históricos perdem vida e seu propósito.

Brandão (2023, p.24) afirma que a "Educação Patrimonial pode ser definida como o conjunto de ações que visam à valorização, proteção e promoção do patrimônio cultural, material e imaterial, e a formação de uma consciência crítica sobre sua importância".

Discutir o patrimônio histórico e cultural é incutir a sabedoria de como preservar os locais históricos e promover a real dimensão que estes locais têm. O valor que um lugar verdadeiramente histórico tem para uma certa comunidade, reflete-se pela valorização de seu patrimônio. A educação patrimonial visa monitorar a sociedade, em termos de conhecimentos que essa sociedade tem sobre a conservação dos locais históricos. Mas também é preciso frisar que essa educação é dinâmica, e não só ocorre no mesmo sítio, pode a educação patrimonial acontecer em locais como, escolas, Museus, e outros locais recreativos que possam facilitar a compreensão.

No dia a dia, usamos o vocábulo patrimônio, para nos referir aos bens, porém esses bens podem se configurar em bens pessoais ou secundários, em outras vertentes, pode se falar de herança!

Maia (2024), vem nos dizer que substanciando a problematização sobre a Educação Patrimonial como ferramenta didática em prol da preservação do patrimônio, tem-se a responsabilidade ética da interpretação intelectual, sobretudo com o viver das pessoas, com a materialização das interpretações e a disposição que se faz desse resultado.

Dentro da educação patrimonial, o Governo tem a tarefa de registrar e divulgar os bens patrimoniais para o conhecimento do público.

Brandão (2023, p. 24), afirma que:

A Educação Patrimonial é tida como meio de “alfabetização cultural” que incentiva o indivíduo a fazer uma leitura do mundo que o rodeia, fazendo-o compreender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal em que está inserido. A partir da experiência e contato direto com as manifestações culturais, em todos os seus aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar à toda comunidade a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, instruindo-os para melhor usufruir destes bens, e propiciando a produção de novos conhecimentos, em um processo de criação cultural.

Nessa vertente, a Educação patrimonial vem ajudar a comunidade a desenvolver uma mente crítica e fenomenal para o alcance da preservação e conservação do memorando histórico. A educação patrimonial vem elucidar a população a saber valorizar os monumentos culturais.

Riffel, (2017, p.50), reforça que:

A Educação Patrimonial deve promover ações educativas que tenham como premissa a identificação de expressões culturais locais e ter ritoriais e precisa, sobremaneira, compreender os espaços públicos e comunitários como espaços formativos. Buscando construir mecanismos que agenciem a valorização dos bens culturais junto às comunidades, essas práticas potencializam o estabelecimento e o fortalecimento de vínculos das comunidades com seus patrimônios, ampliando as possibilidades de preservação destes.

A educação patrimonial constitui-se um alicerce da pedagogia pois visa fortificar conhecimentos sobre a valorização dos espaços culturais. Brandão (2023), analisando a produção de Knauss (1996), diz que os museus são instituições fundamentais para a preservação e difusão do patrimônio cultural. Eles possuem um papel importante na sociedade ao promoverem o acesso à cultura, à história e à memória de uma determinada sociedade. Eles são responsáveis pela conservação, restauração e salvaguarda dos bens culturais que compõem o acervo museológico. Isso inclui a adoção de medidas de segurança e conservação, a utilização de tecnologias de ponta e a criação de estratégias de gestão de risco.

Os museus têm a sua particularidade de ser um acervo de bens patrimoniais e que de alguma forma desenvolve a educação não formal. Porém é de extrema importância, os curadores dos museus auxiliarem na educação patrimonial, isso porque ajuda os visitantes a desenvolver cultura científica do patrimônio. O patrimônio tem uma particularidade muito importante quando é aliada à conservação. Diante dessa afirmação, importa lembrar que o museu divulga e promove um estudo relativamente aos objetos que fazem parte do acervo, assim, o museu, ao promover e divulgar as suas atividades, ajuda a enfatizar conhecimentos sobre a importância do patrimônio.

Conforme afirmativa de Brandão (2023, p.27),

Os museus têm um papel significativo na difusão do patrimônio cultural, ao democratizar o acesso à cultura por meio da disponibilização do acervo para visitação pública, realização de exposições e atividades educativas para diversos públicos.

Dessa forma, a sociedade pode ter contato com o patrimônio cultural e compreender a sua importância para a identidade e a memória coletiva.

Os museus oferecem a possibilidade de pesquisa e de interação com os objetos, incutindo uma mentalidade pedagógica, com capacidade de crítica, relativamente aos acervos, diante desta visita, os visitantes conhecem a importância do patrimônio cultural.

Maia (2024, p. 41), vem introduzir o impacto de ensino de história para educação patrimonial, ao afirmar que:

O ensino de História tem na Educação Patrimonial o espaço para a reflexão crítica do sujeito frente aos patrimônios em diferentes posicionamentos, dentre eles está a questão identitária. Para além do estranhamento e do reconhecimento, busca-se pela aceitação, pelo respeito às diferenças, pela empatia e pela ressignificação dos saberes e das vivências. O pertencimento não é um agrupamento ou uma “alfabetização cultural”, fora disso, é o autor e conhecimento de seu protagonismo cultural. Compreende assim, que ensinar sobre o patrimônio é um exercício cognitivo de que há outras formas de existência humana e de culturas que expressam seus distintos modos de viver, de crer, de manifestar, enfim, há outros patrimônios que dizem mais do que se observa superficialmente, que são significativos para a humanidade.

O ensino da história vem ajudar a fortalecer a consciência sobre educação patrimonial, pois é muito importante e pertinente essas esferas estarem vinculadas, ora, o conhecimento da história se torna um ponto de partida para o desenvolvimento da cultura de saber sobre a importância e valorização dos locais históricos.

Como refere Maia (2024, p.46), a "Educação Patrimonial tem se mostrado um dos mecanismos mais interessantes para a formação de cidadãos conscientes dos valores históricos e culturais, pois promove um olhar crítico sobre a história e a memória, tendo como balizas os significados políticos e culturais da preservação do patrimônio".

É importante destacar que a educação patrimonial pode ocorrer em duas vertentes, formal ou informal, com um único propósito de sensibilizar os habitantes de uma região ou comunidade a desenvolver a cultura patrimonial.

Maia (2024, p. 27), analisando os trabalhos de Fonseca (2009), afirma que proteger é necessário, mas antes deve acontecer a identificação, o registro, a promoção e a difusão, considerando “que diferentes grupos sociais possam se reconhecer nesse repertório”, adotando mudanças metodológicas “com o propósito de abrir espaço para a participação da sociedade no processo de construção e apropriação de seu patrimônio cultural”.

Para que o objeto tenha maior valor no museu, é muito crucial que se faça identificação dos bens patrimoniais, em seguida verificar se esses bens têm ligação com a história de uma determinada comunidade. É preciso que os objetos estejam em coordenação com os hábitos e costumes da sociedade. Como vem concordar Maia (2024, p.30), ao analisar os trabalhos de

Bittencourt (2011) ao dizer que “na Educação Patrimonial a história local conversa com o lugar, com seus habitantes do passado e do presente, estabelece relações nesse constante processo de uso, transformação, apropriação ou do abandono, desuso e esquecimento, pois também são ações humanas no espaço”.

Torna-se importante a adequação da história local para a valorização do patrimônio, e articular o patrimônio local para que seja objeto de estudo, a paixão lucida pelo passado pode ocorrer em várias formas, uma delas pode ser a valorização do patrimônio local.

Demarchi (2018, p.157), vem concordar com a definição de Ulpiano Meneses (1998), ao afirmar que “o patrimônio é um fato social, portanto é a sociedade quem lhe atribui valor. A sociedade tem a tarefa de conservar e valorizar o patrimônio histórico, para que este tenha mais valia, porém o seu significado e importância não morrem”. O patrimônio histórico tem muito significado para a sociedade assim como para as crianças e professores, essa importância terá impacto no dia a dia das populações se incutir a educação patrimonial na comunidade.

Maia (2024, p.41), vem introduzir o conceito de ensino da história na valorização do patrimônio cultural ao afirmar que:

O ensino de História tem na Educação Patrimonial o espaço para a reflexão crítica do sujeito frente aos patrimônios em diferentes posicionamentos, dentre eles está a questão identitária. Para além do estranhamento e do reconhecimento, busca-se pela aceitação, pelo respeito às diferenças, pela empatia e pela ressignificação dos saberes e das vivências. O pertencimento não é um agrupamento ou uma “alfabetização cultural”, fora disso, é o auto-reconhecimento de seu protagonismo cultural. Compreendemos assim, que ensinar sobre o patrimônio é um exercício cognitivo de que há outras formas de existência humana e de culturas que expressam seus distintos modos de viver, de crer, de manifestar, enfim, há outros patrimônios que dizem mais do que se observa superficialmente, que são significativos para a humanidade.

A educação patrimonial pressupõe antes de tudo uma investigação sobre a existência ou não dos locais históricos, e, por conseguinte verificar a existência dos objetos que fazem a ponte entre os fatos narrados e a realidade, por último explica-se o valor de cada objeto para a comunidade, pois cada objeto a registrar retrata uma determinada época, um momento vivido, como vem dizer Ramos (2004), nunca se pode entrar num Museu para perguntar as horas. Em seguida a educação patrimonial passa de um processo de auscultação dos habitantes de uma comunidade para saber até que ponto tem conhecimento sobre o patrimônio. Porém essa auscultação deve ser acompanhada da sensibilização das crianças e da população em geral, no sentido de saber sobre a importância de valorização dos bens patrimoniais.

Maia (2024, p.46), vem acrescentar que “a Educação Patrimonial tem se mostrado um dos mecanismos mais interessantes para a formação de cidadãos conscientes dos valores

históricos e culturais, pois promove um olhar crítico sobre a história e a memória, tendo como balizas os significados políticos e culturais da preservação do patrimônio”.

Os autores, reconhecem que a educação patrimonial desenvolve a cultura de investigação científica, aumenta os pontos de indagação e de curiosidade. A educação patrimonial aumenta um pensamento crítico, ousado e acima e tudo fenomenal. Logo educar acerca do patrimônio é preparar as futuras gerações para que tenham a memória dos locais históricos,

Assim para Cordeiro (2022, p.3), ao analisar a declaração de Córdoba, reconhece que a memória, para todos nós, constitui uma forma deliberada de resistência, de luta contra a destruição dos modos de vida que não se enquadram em nenhuma forma de colonialismo, entre as quais se encontram o sistema capitalista, o patriarcado e outras. “A memória, é ao mesmo tempo, a afirmação dos valores humanos, da dignidade e da coesão social, colocando-se como ação propositiva de ocupação do presente e invenção de futuros”.

Torna-se importante e crucial desenvolver a educação patrimonial, olhando para as memórias que constroem as mudanças cíclicas da comunidade, todo mundo tem memórias, podem ser memórias de guerra, etc. Essas memórias podem estar presentes no nosso cotidiano para afirmar um certo contexto.

Cordeiro (2022), ao analisar as produções de Nora (2000) afirma que memória consiste no poderoso movimento de libertação e emancipação dos povos, grupos étnicos e mesmo indivíduos que têm um impacto sobre o mundo contemporâneo; dito de forma sucinta, temos testemunhado a rápida emergência de todas as formas de memória no caso de minorias, para as quais a recuperação de seu passado é parte integral da afirmação de sua identidade.

A memória é um testemunho, é uma biblioteca que as pessoas carregam consigo, geralmente essas memórias estão acompanhados das dinâmicas sociais que afetaram a comunidade. Porém, um povo sem memória é um povo sem história. Nesta lógica de pensamento, a história de uma comunidade deve ser preservada e para que haja essa preservação é necessário a indução de educação patrimonial.

Assim Maia (2024, p. 48), indica para a seguinte trajetória da educação patrimonial:

A trajetória da Educação Patrimonial nos leva a despertar um olhar mais cuidadoso e crítico, observar posturas de pertencimento e identidade, como também na ação promotora de cultura e de diversidade, ao mesmo tempo em que reflete e apresenta os movimentos históricos presentes naquele ambiente/território, como razão dos bens e das ações patrimonializadas e vivenciadas.

Essa afirmação, vem reforçar a ideia de que conhecer e valorizar o patrimônio cultural, ajuda a desenvolver a cultura de identidade e sentimento de pertença dos objetos históricos.

Cordeiro (2022, p.10), nos mostra uma relação de interdisciplinaridade ao afirmar que:

Museus e patrimônios abrigam inúmeras possibilidades. Da mesma maneira em que é preciso fazer viver o patrimônio também é preciso viver o museu, pois ambos transmitem e estão permeados por subjetividades e relações, neles nada é fixo, são construídos constantemente, possibilitando inúmeras interpretações e sensações. O que também contribuirá para o desenvolvimento da perspectiva de memória viva.

Por um lado, temos o campo museológico que se destina a conservação e exposição dos objetos, mais por outro lado temos esses objetos que configuram o patrimônio local. Logo esses dois devem andar de mãos dadas, o patrimônio histórico da vida ao museu e o museu conserva esse patrimônio. Porém, não se pode negligenciar as memórias que os acervos museológicos têm para sociedade, por isso o museu, a memória e o patrimônio devem caminhar por vias de complementaridade, enquanto práticas de construção social.

Meneses et al (2025), ao analisar a produção de Ndoro (2001), indica que o termo conservação tem sido entendido como uma ação que visa garantir a preservação do patrimônio cultural e a sua gestão, envolvendo medidas legislativas e o restauro

Para Ramos (2004, p.20), os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que:

O objetivo do Museu não é mais uma celebração de personagens ou classificação de enciclopédia da natureza, e sim a reflexão crítica. Para assumir um caráter educativo, o Museu coloca-se então, como o lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico. Mas isso não basta, torna-se necessário desenvolver programas com o intuito de sensibilizar os visitantes, para uma maior interação com o museu. Não se trata de simples “formação de plateia” a valorização do museu, como forma de criar “cultura mais refinada”.

O museu tem um caráter educativo muito forte, ajuda a fortalecer ideias que as crianças trazem da sala de aulas, pois no Museu são conciliados o teórico e o prático. Hauck e Henklein (2022), ressaltam que os Museus são equipamentos culturais cuja função primordial é preservar a memória e valorizar o patrimônio cultural material e imaterial. Entretanto, seu papel vai além, por ser também espaço de informação, pesquisa e educação, seja através de exposições temporárias ou permanentes, seja de ações educativas, atividades recreativas, palestras e cursos.

Diante desse exposto, entende-se que o museu tem um papel educativo muito amplo, e que fortalece a capacidade cognitiva através dos objetos. A aprendizagem é através da linguagem visual.

Para Hauck e Henklein (2022 p.45), em sua pesquisa sobre visita aos Museus, concluiu que "os alunos desenvolveram atitudes significativamente mais positivas, mais motivadas, quando participaram do passeio menos estruturado, guiado apenas pelo professor da turma".

Porém a aprendizagem informal, de certa forma ajuda a diferenciar como os fatos são abordados na sala de aula. Hauck e Henklein (2022), analisando as produções de Tozetto;

Romaniw; Moraes, (2011), vem frisar que a educação não formal tem como objetivo resgatar de forma efetiva, valores essenciais para a formação de cidadãos protagonistas de sua própria vida, trazendo para eles a prática da cidadania, apreensão social, profissionalização, reforço escolar, dimensão sociocultural, entre outros. O profissional da educação que trabalha espaços não formais deve estar ciente da importância de proporcionar conhecimentos que levem a população a uma melhoria em sua qualidade de vida e autoestima, capacitando-os para sua atuação nos mais diversos espaços na sociedade.

É importante haver um equilíbrio entre a educação formal e não formal, uma precisa da outra para complementar. Como ressalta Feio (2014), ao trazer os dizeres de Padró (2006) a única forma de construir um discurso educativo é através da aprendizagem realizada com a prática e com a experiência vivenciada. Porém, segundo Feio (2017, p.27), "a função educativa do Museu deve ter como objetivo comunicar e transmitir informação ao público".

As experiências obtidas no museu devem facilitar aprendizagem, a linguagem deve ser clara, os objetos devem permitir a construção de conhecimentos e vivências de narrativas históricas, o que de certa forma cria uma permissão, entre a linguagem visual e linguagem verbal, isto também pode aumentar o sentimento de desejo, desejo de fazer poesia, narrando a história da aldeia através dos objetos expostos.

Cunha (2016), analisando as produções de Rodrigues, (2010), reconhece que o museu não deve se apresentar como uma instituição neutra, pois o visitante deve ser despertado para consciência de que toda exposição possui um objetivo específico e é dotada de sentido próprio, pois o museu não apresenta apenas os objetos, mas o trabalho das inter-relações dos homens com seu meio e com o fato cultural, num espaço-tempo histórico determinado, sendo assim um agente de ação cultural e educativa.

O museu como uma ferramenta pedagógica, vem reforçar a capacidade de análise, através dos objetos, ora, os objetos não podem só ser objeto, devem retratar a história. Isso poderá estimular a curiosidade e a pesquisa por parte de quem visita. Pois cada visitante traz consigo um determinado conhecimento, e nessa lógica poderá haver uma intercessão de aprendizagem.

Como vem instar Feio (2014, p.27),

A construção de significados depende do conhecimento dos visitantes, da sua capacidade de compreensão e da atitude perante as experiências realizadas no Museu, contribuindo para o incremento da apreciação estética e criativa e facilitando a transformação ou uma mudança de pensamento significativa.

Buscando-se dessa permissão Cunha (2016) afirma que a função educativa do museu deve ocorrer por meio de ações conscientes e planejadas do seu trabalho educacional para mediar satisfatoriamente o contato do público com a exposição apresentada, nesse contexto, o acervo do museu é o meio pelo qual essa instituição mantém uma relação com a sociedade e expressa qual é a sua missão.

O museu que não visa a satisfação pública, se torna estagnado, pior o museu que no seu plano não engloba componentes pedagógicos, pois é o componente pedagógico que torna o visitante crítico. Como vem adicionalmente afirmar Barbosa; Oliveira; Ticle, (2010), para se planejar uma ação educativa nos museus é preciso refletir sobre o tempo de duração da visita, o espaço disponível no museu a ser utilizado durante a mediação e os objetos que serão apresentados durante a visita no sentido de criar possibilidades para que os visitantes consigam analisá-los em seus aspectos materiais, históricos e simbólicos.

É importante e pertinente que o museu, primeiramente, tenha um horário previamente estabelecido para o seu funcionamento, em seguida cada visitante deve ter um tempo para sua permanência no museu, isso também vai ajudar na redução de enchentes (superlotação de pessoas) dentro da sala. Mais também facilita que o visitante tenha uma livre circulação e um forte contato com os objetos. Assim o visitante poderá desenvolver uma aprendizagem que resulte da narração dos fatos e dos objetos ilustrados. A aprendizagem numa sala cheia de visitantes, torna-se monótona, porque dificilmente se desenvolve a curiosidade. Por isso, Cunha (2016) diz que durante a preparação da visita também é importante que se trabalhe os aspectos técnicos, como a definição de museu, qual é a sua função, quais os seus objetivos e quais as características da instituição que será visitada, isto deve ocorrer para que se possa responder a eventuais questionamentos e dúvidas dos alunos.

Por isso, Ferreira (2010, p.65) diz que:

Os procedimentos dos programas devem ser repensados, para que se supere ou minimize problemas decorrentes de questões burocráticas, bem como as limitações de tempo e de capital, visto que o museu, mais do que conhecido ou divulgado, deve ser compreendido em seus próprios termos – o museu deve ser vivido. Deve haver interação com instituições.

Quando há interação entre o Museu e as restantes partes, o Museu deixa de ser apenas uma caixa vazia, onde os visitantes não aprendem nada, o processo interativo visa a descolar a mente, o processo de descolagem funciona em aumentar conhecimentos pedagógicos. Nesta permissão, o museu deve estimular o visitante.

Segundo Alde (2016), ao analisar a os conteúdos de Cordovil (1993) os museus têm uma importante função didática que se vem consolidando através da aposta em projetos e ações

de educação patrimonial, que validam o museu como espaço educativo, espaços de descoberta, onde as crianças e jovens possam aprender, descobrir e experimentar.

O museu não pode ser apenas um local de depósito de objetos, mais sim um local de troca de experiências de olhar crítico, de busca de saber. A instituição museológica não pode ser apagada, sem um reflexo do passado, os objetos museológicos devem estimular sentimentos de pertença sobre o passado

Ferreira (2010), descreve as abordagens de Santos (2008), afirmando que o museu, para atingir sua função pedagógica, tem de ter capacidade de produção própria, sem deixar de interagir com outras áreas de conhecimento; e por meio da pesquisa o museu pode contribuir para o desenvolvimento sócio-cultural. É nesse sentido que as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação surgem em uma aplicação que pressupõe interação, para que assim se tenha efetividade na ação educativa. Vale ainda ressaltar que não é somente o setor educativo do museu que é o responsável pelos programas com as escolas, e sim todo o conjunto. Deve-se, portanto, compreender que toda ação museológica deve ser pensada e praticada como uma ação educativa e de comunicação, caso contrário não passarão de meras técnicas que se esgotam em si mesmas, e assim o museu se torna aquele lugar onde se guardam os objetos antigos, somente.

Deve-se valorizar as ações museológicas, mas o museu em si não pode ser uma instituição morta, o museu deve atrair os visitantes e deixar o visitante com o desejo de voltar a ver os objetos.

Ferreira (2010), analisando as produções de Heizer (2001), discute considerações acerca da inclusão dos museus nos programas escolares, em estudos sobre o papel desempenhado pelo educador de museus passa à definição da parceria escola-museu e às diferentes fases dos museus de ciências, bem como toma a crescente escolarização dos museus e a autonomia do discurso museológico das exposições.

Assim, ao se introduzir os museus nos programas curriculares, as crianças assim como os professores poderão dialogar sobre as temáticas museológicas na sala de aula, isso pode aumentar mais o interesse por parte dos alunos em saber mais sobre os museus.

Ramos (2008, p.15) afirma que ir:

Ao espaço museológico implica necessariamente efetuar atividades educativas, questionamentos e maneiras teoricamente fundamentadas, de aguçar percepção para os objetos das exposições. Mesmo quando a visita é das crianças da alfabetização ou período anterior, a proposta permanece: não é possível descolar o Museu da sala de aulas.

Por isso não se pode distanciar esses dois termos, porque um condiciona aprendizagem informal que não vem plasmado nos programas curriculares, e na sala de aula são lecionadas as matérias previamente previstas nos planos curriculares.

Como nos propõe Ramos (2008, p.17):

A ligação entre sala de aulas e o Museu muito depende da pratica de um currículo aberto a certos procedimentos pedagógicos e de determinadas concepções do saber histórico. Isso significa que é preciso localizar a proposta aqui defendida nas teorias do currículo, especificamente a noção como cultura política.

Ramos (2008), faz uma reflexão sobre o caráter educativo do museu, ao afirmar que o museu para assumir um caráter educativo, coloca-se então como um lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico. Mas só isso não basta. Torna-se necessário desenvolver programas com intuito de sensibilizar os visitantes para uma maior interação com o museu.

Os objetos em exposição, devem tornar a visita mais atrativa, quer por parte dos alunos, assim como por parte da comunidade em geral. Por outro lado, o museu ao assumir um caráter educativo deve criar condições das visitas não serem longas e cansativas. O museu deve através dos objetos fazer viver o passado de modo crítico. Como vem afirmar Ramos (2008, p.21):

Conhecer o passado de modo critico, significa, antes de tudo viver o tempo, presente como mudança, como algo que não era, que está sendo que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e dos outros tempos, o Museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar. O autor argumenta ainda que se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estuda-la por meios dos objetos.

O museu exerce um papel educativo significativo na formação do sujeito crítico, reflexivo e socialmente engajado. Essa função ganha contornos ainda mais relevantes quando os objetos museológicos são utilizados como mediadores do processo de aprendizagem, contribuindo para a construção de vínculos com o passado e favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas, especialmente no que se refere à aprendizagem de natureza visual. No caso das crianças, essa abordagem potencializa a compreensão histórica e cultural de forma concreta e sensorial, estimulando a curiosidade, a imaginação e o pensamento crítico desde os primeiros anos de escolarização. Ler o passado através dos objetos, já é um bom passo para o fortalecimento do desenvolvimento cognitivo.

Segundo o artigo 6 da Resolução nº 11, de 2 de junho de 2010 (Moçambique, 2010), o conceito adotado de museu define como funções museológicas básicas a aquisição, a

documentação, a conservação, a pesquisa, a exposição e outras formas de divulgação de bens culturais, devendo todas as instituições museológicas, existentes ou a ser criadas, cumprir integralmente estas funções.

1.3 Eventos e atividades que podem ser realizados no Museu Aberto de Maciene

No caso do Museu aberto de Maciene, uma das atividades que realiza, como atrativo para as crianças é o jogo de “quebra cabeça” de uma nota qualquer do dinheiro dividido ou rasgado, cujo o objetivo é as crianças colarem a nota em peças para que esteja inteirinha. Em seguida, nesse Museu faz-se concurso de dança, selecionando os melhores para fase final. Aos finalistas são oferecidos cadernos e canetas como forma de incentivar as crianças. Ainda no Museu, conta-se anedotas, onde no inverno põe-se em funcionamento uma lareira de fogo para permitir que as crianças, os professores e os curadores do Museu se aqueçam diante das anedotas e histórias contadas. Faz-se também concurso de poesia e de redação para permitir o desenvolvimento da escrita e de leitura das crianças. Este Museu tem feito a exposição dos objetos nas quartas-feiras, para atrair os visitantes, assim como os concursos de dança.

O artigo 4.1, da Resolução nº. 12, de 10 de Junho de 1997 (Moçambique, 1997), refere que o país possui um património importante nos domínios da música, dança e teatro, e tem produzido artistas de renome. De parceria com a pesquisa das várias expressões culturais, o governo incentiva a valorização do artista, a música, dança e teatro em Moçambique, nos seus vários estilos e gêneros, e apoia a sua incorporação na produção de obras musicais, coreográficas e teatrais modernas. A política pública implementada pelo governo encoraja a promoção de festivais, concursos e prêmios nas várias manifestações artísticas.

Porém, o artigo 6.1, da mesma Resolução diz que a literatura compreende a oral e a escrita. A literatura oral tem sido, ao longo dos séculos, o veículo mais importante de transmissão e preservação, de geração em geração, de conhecimentos e experiências, da história, mitos, poemas, contos, canções, lendas e provérbios. A literatura escrita desempenha um papel importante no desenvolvimento da criatividade e na veiculação de ideias, experiências e valores nacionais e universais.

Nesta perspectiva, cabe ao Governo a função de apoio ao desenvolvimento de todas as formas de literatura, a identificação de novos talentos bem assim como a realização de concursos e o estabelecimento de prêmios. Portanto, as atividades que são realizadas no Museu de Maciene, são atividades plasmadas constitucionalmente, seguindo o que regem os estatutos locais.

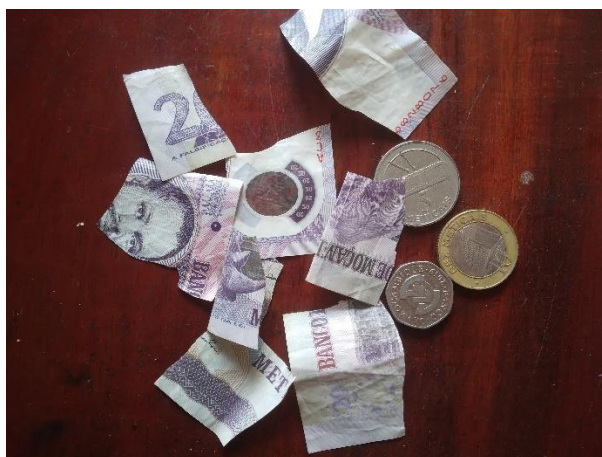
Durante a pesquisa, verificou-se a venda de alguns objetos que visavam deixar uma lembrança para quem visitou, mas também se verificou o cumprimento integral do horário de abertura e de encerramento. Isso, em algum momento, facilita uma boa coordenação entre o visitante e o Museu.

A entrada do Museu tem uma escada e uma rampa para permitir que as pessoas com deficiência, tenham acesso. Não tem lanche para os visitantes, isso devido as condições que o Museu oferece e devido a sua gênese, não foi iniciativa do governo, mais sim da população local.

Os que mais visitam o Museu de Maciene são as crianças com os seus professores. A comunidade e geral visita, mas não em grande escala, exceto nos dias em que o Museu realiza feiras e concursos, pois saem em família para irem apoiar seu parente. Não queremos com isso afirmar que a comunidade de Maciene não adere ao Museu, apenas estamos fazendo uma comparação entre os que mais visitam.

Na base das atividades realizadas no Museu, os professores têm dado alguns exercícios na aula de Ofícios e de História, como forma de ajudar os conhecimentos adquiridos no Museu. Embora o Museu não esteja previsto nos programas curriculares, os professores têm feito o seu máximo para possibilitar o conhecimento do passado através dos objetos, numa aldeia que nem corrente elétrica tem.

Figura 6 - Demonstração do Jogo de quebra-cabeça no Museu Aberto de Maciene



Fonte: Imagens fornecidas pelo Museu Aberto de Maciene

De acordo com Alde (2016), ao analisar as contribuições Ambrose e Paine (2006), as atividades no museu podem ser desenvolvidas para o melhoramento dos serviços que o mesmo oferece, e para atender às necessidades dos grupos-alvo específicos ou segmentos de mercado.

Estas atividades podem ser organizadas dentro do próprio museu. Mas também o museu realiza atividades noutros locais, talvez em parceria com as demais instituições culturais e científicas ou organizações, e, portanto, para o desenvolvimento de novos públicos (visitantes) para o próprio museu.

Estas atividades que o museu realiza devem primeiro respeitar os hábitos e costumes da população local. O museu não pode realizar atividades desvinculadas dos modos de vida local.

Alde (2016, p.18), vem frisar que:

Em muitos casos, esses eventos e atividades podem ser de geração de renda, podem também atrair apoio financeiro, por meio de doações e patrocínios e, assim, formar uma vertente importante de renda adicional para o museu. Esses eventos podem ser: exposições temporárias de objetos, durante mês, semana, dia explorando, itens das coleções, empréstimos ou novas aquisições; acolhimento de noites organizadas por grupos de apoio do museu, exibição de dança, teatro, música; demonstrações em feiras (locais), e programas de palestras ilustradas, necessidades especiais reuniões de grupo; demonstração de habilidades do museu, por exemplo conservação, competições e questionários para crianças, e grupos de interesses especiais.

Porém, convêm reconhecer a importância das atividades realizadas no Museu de Maciene para facilitar o desenvolvimento pedagógico, pois essas atividades acolhem diferentes públicos, o que facilita melhor interação nas crianças. A atividade de ensino e aprendizagem não devem estar restritas à sala de aula, mas alcançar a poesia no recinto do Museu, do canto assim como da leitura, as crianças podem aprender e desenvolver algum aprendizado, o que demonstra certas habilidades e competências.

2. A FUNÇÃO EDUCATIVA-FORMATIVA DO MUSEU ABERTO DE MACIENE A PARTIR DA LEITURA DA COMUNIDADE

Nesta seção, aborda-se as estratégias que o museu pode usar para a divulgação das suas exposições e a relação com a comunidade. O principal objetivo é apresentar informações que sustentam a relação entre o museu e a comunidade. Procura-se trazer já algumas observações de membros da comunidade. Informações acessadas pelo contato via observação da dinâmica de funcionamento do Museu de Maciene e sua relação com a escola local.

Parte-se do reconhecimento que o museu exerce um papel importante nas comunidades, contribuindo para um pensamento crítico, ousado e inovador. Na medida que se procura respostas através da exposição dos objetos, enxerga-se o passado como fonte de reflexão acerca do presente, indagando as inúmeras tensões e conflitos que se fazem em mudanças e permanência. Assim para Ramos (2004, p. 26), "a história deixa uma sucessão de eventos e assume a condição de pensamento sobre a multiplicidade real".

A partir do momento que a comunidade de Maciene passou a ter uma relação com o Museu, deixou de descartar os objetos e passou a valorizá-los. Esse passou a ser um fator educativo para a população local, que compreendeu ser possível aprender a essência das coisas com base nos objetos. O contato com um membro da comunidade local, que não quis gravar entrevista, indica o reconhecimento da importância da implementação do Museu na região, uma vez que identifica que as crianças passam a ter mais interesse pelos conhecimentos de história e da história da própria comunidade, fortalecendo os processos de aprendizagem.

A própria comunidade reconhece ser um dado novo para a população local a percepção de que seus filhos aprendem a materialidade dos fenômenos com base nos objetos. Portanto, reconhecem que o Museu de Maciene mudou a percepção dos habitantes sobre a função do museu, que comumente era considerado como um mundo insulado. As crianças gostam de brincar e os concursos que são feitos de canto e dança, atraindo a população para frequentemente irem ao Museu. O canto é acompanhado de poesia o que ajuda na leitura e interpretação de textos narrativos assim como poético.

Assim, o Museu produz um saber crítico para a comunidade em geral, por isso Ramos (2004, p.26), destaca que:

Sem problemáticas historicamente fundamentadas para produzir o saber crítico, a visita torna-se um ato mecânico. A exposição deve tocar o visitante por meio de certos arranjos da memória, da efetividade que compõe o ato de lembrar aquilo que não vivemos mais que de alguma forma mexe com o nosso estar no mundo, não basta explicar é preciso provocar os poros da pele, afetar os limites entre nós e os objetos.

Assim, convém reconhecer a relevância da função educativa do Museu, pois abre espaço para estudos sobre a política da memória, isto é, as maneiras pelas quais se estabelecem os critérios de seleção da lembrança e os fundamentos de classificação daquilo que é lembrado. Desse modo está em jogo a qualificação da materialidade memorável, o ato de nomear, uma operação intelectual e efetiva que define os objetos relacionando-se com a posse.

Demanda-se que todo museu, inserido em uma comunidade, deve falar da cultura, dos hábitos e costumes da comunidade onde está inserido, pois os seus artefatos devem espelhar a essência do seu passado. O museu faz a retrospectiva do passado, do ponto de vista simbiótico, onde a indagação desperta um saber de como as coisas são, e como começaram, pós o primeiro olhar sempre causa aquela estranheza em algumas esferas de produção de conhecimento. Os objetos são tidos como o vestuário do museu, é da exposição que o museu fica coberto e revestido, proporcionando uma relação afetiva com os visitantes. Assim a função primordial para comunidade, está vinculada à transmissão de valores e na consolidação de uma política de memória nacional.

2.1 Relação entre Museu e a comunidade de Maciene

A relação entre o Museu e a comunidade de Maciene, afirma-se como um processo complexo devido a sua conjuntura organizacional, o Museu como um centro de estudos dos objetos e de discussão, mas também a educação patrimonial.

Azevedo (2010), em análise a obra de Horta (2000) define a Educação Patrimonial como uma proposta metodológica de âmbito social, que considera os bens patrimoniais como os referentes primários para o desenvolvimento de um trabalho que tem como objetivo a recuperação da memória social, para que as comunidades se apropriem da sua herança cultural e, desse modo, os valores identitários sejam reforçados. Assim, para Azevedo (2010, p.49):

Um trabalho desenvolvido no pressuposto desta metodologia educativa, pode ser realizado tanto em contextos de educação formal, como nas escolas, como em contextos de aprendizagem não formal, como é o caso dos museus, e para um público-alvo diversificado, isto é, tanto para crianças como para adultos.

Para que o museu tenha impacto na comunidade deve haver uma relação de parceria, pois ambos são importantes para o processo de ensino-aprendizagem, o museu em si, sem a presença do público, torna-se uma instituição morta, por isso todas as atividades realizadas no museu devem atrair os visitantes, para que desenvolvam um sentimento de familiaridade com o local. Atrair visitantes, significa aliciar a comunidade com as suas atividades, para que esta passe a dar valor ao museu e para que ajude na preservação e conservação dos objetos.

É muito importante a aprendizagem sobre a educação patrimonial por parte das crianças, assim como da comunidade, pois uma comunidade capacitada sobre a educação patrimonial terá boa relação com o museu. Por isso Azevedo(2010,p.48):

Enfatiza a necessidade da educação popular, afirmando que a Educação Popular potência a participação e o comprometimento por parte das populações, através do incentivo ao diálogo, para a transformação e desenvolvimento do seu meio social. Como este tipo de educação não visa satisfazer “públicos”, ela deve ser construída a partir dos contributos de todos os membros da comunidade, através dos meios disponíveis no território, ou seja, das estruturas, das pessoas, dos saberes, dos bens materiais e dos bens virtuais. A sua principal característica é saber utilizar o conhecimento da comunidade como o ponto essencial para o ensino.

Diante do exposto, a relação entre o museu e a comunidade poderá ser satisfatória, porém, é importante o museu para a comunidade, mas torna-se mais importante a visão que esta mesma comunidade vai ter no que diz respeito ao museu, assim estes constroem relações fortíssimas de aproximação.

Para Varine (2004), a Educação Popular apresenta-se, assim, como uma fórmula de desenvolvimento local sustentável que, tal como afirma, fornece à comunidade os instrumentos necessários para a concepção, expressão e formulação de projetos, assim como para a sua concretização, visando criar ou reforçar o sentido comunitário e o seu domínio sobre o território. Nesse sentido, o museu é considerado como uma estrutura num território passível de criar os instrumentos necessários ao desenvolvimento das comunidades de uma forma consciente, deixando de lado o aspecto promocional da habitual panóplia de iniciativas promovidas por estas instituições.

A Senhora A, uma auxiliar do Museu de Maciene, em conversa informal com o pesquisador, afirma que a comunidade de Maciene, no início, não tinha o interesse em saber sobre o Museu, porque, efetivamente, parecia não trazer nenhum benefício àquela comunidade. Era como se houvesse uma imposição de conhecer algo que está no além. Com o tempo, a comunidade foi percebendo a real importância que este espaço tem para o processo formativo das crianças, aliás, o Museu traz lembranças de um passado vivido com traumas da guerra dos dezesseis anos.

Os objetos que o Museu de Maciene tem servem como elementos de comunicação com a comunidade local, provocando uma relação de tensão. A provocação aumenta quando se compreende que os objetos não são meros objetos e não são entes despidos de vida social, mas são sujeitos orgânicos à vida da comunidade. O Museu de Maciene impacta na comunidade local contribuindo para a preservação das tradições, costumes e memórias da comunidade. Reafirma-se a necessidade de se manter uma relação positiva entre o museu e a comunidade,

pois torna-se um local de reflexão através dos objetos expostos no espaço museológico. O museu deixa de ser um local estatístico, e passa a ser um local de descoberta e de busca de novas aprendizagens.

Costa (2021), divide as múltiplas reflexões dentro destas variadas áreas em três partes, três formas de conceituar a ideia de comunidade, que agem como chaves para entender a relação entre museu e comunidade. Em primeiro lugar, é importante entender como as dinâmicas de comunidades trazem maior apreciação da formação de identidades, criação de relações e sentimento de pertença. Esta parte cria ligações claras com estudos na área museológica focando no significado dos objetos, da sua exposição e como estes funcionam como uma expressão de identidade, representando cultura e, conseqüentemente, definindo povos e nações. Segundo, trata-se da relevância da comunidade e da sua utilidade no contexto de política pública, da forma como esta é utilizada como ferramenta por governos locais e nacionais.

Esse conceito é muitas vezes utilizado num contexto de desenvolvimento urbano, no melhoramento de serviços hospitalares e policiamento, contudo associado a estas políticas encontram-se também dentro de governos nacionais e locais no contexto de serviços museológicos, a formação de exposições, projetos educativos entre outras iniciativas. Por fim, como terceira forma, a autora apresenta a ideia de comunidade como uma forma de ação social, isto é, grupos comunitários que utilizam o patrimônio e a atividade dentro do contexto do museu como veículos para ação social e com objetivos políticos

Costa (2021), indica que qualquer museu deve procurar definir a sua comunidade e deve fazê-lo utilizando um conjunto de parâmetros que se aplicam às suas particularidades, desde a sua dimensão até o tipo de exposições que apresentam, entre outros serviços que podem oferecer. É importante que o museu faça a sua exposição, tendo em conta a realidade de onde está inserida, respeitando os hábitos da comunidade.

A relação que existe entre o museu e a sua comunidade depende da história da própria instituição, da sua organização interna, da sua dimensão, mas principalmente do seu foco temático visto que a comunidade tem o seu perfil, e o Museu tem outro (Costa, 2021).

História, um conjunto dos hábitos e costumes, de uma determinada comunidade, de um passado vivido, refletido nos objetos. Costa (2021), afirma que a melhor forma de entender os aspetos que fazem um museu é olhar para a sua origem e fundação. Por vezes, observa-se museus fundados por iniciativa de comunidades específicas lideradas por membros entusiastas que não se vêm representados em outras instituições museológicas ou que procuram preservar memórias de um modo de vida.

Como refere Aldrich (2009), o desafio que os herdeiros dos museus e coleções coloniais têm pela frente é o de despertar e satisfazer a curiosidade sobre o mundo contemporâneo, fazendo pontes entre as coleções e exposições e as comunidades pós-coloniais contemporâneas, sem negar ou esconder as condições coloniais e a complexidade histórica das maravilhas em exposição.

Naturalmente que, hoje mais do que nunca, os museus competem pela interpretação de patrimônio cultural e pela construção de memória, com múltiplos espaços públicos e privados, e com a infinidade de espaços das redes sociais (Berrett, 2012).

De acordo com Valente (2002), os museus desempenham um papel especial que ajuda na constituição de uma pedagogia museológica relacionada com a educação não formal, na área onde estão inseridos. Contudo, a utilização dos museus como centros de recursos para o ensino é ainda algo a que não tem sido dada a sua devida atenção, como diz (Brandão 1996, p.73), “os alunos deviam ser ensinados a recorrerem aos Museus da mesma forma que, por exemplo, são incentivados a recorrerem à bibliotecas e midiatecas”.

O Museu de Maciene guarda a história da comunidade e, a mesma, tem a história de construção de Museu, desenvolvendo uma relação abiótica, que configura o passado de uma comunidade, porém, torna-se um lugar de consulta e divulgação dos conteúdos que retratam a simbiótica história vivida, através dos programas que são criados para e informar e entreter a população.

Segundo os depoimentos colhidos, com o Senhor D, líder local, como forma de saber o real impacto do Museu para aquela população, os habitantes locais, dizem estarem felizes com a criação do Museu porque os seus filhos passam a maior parte de tempo vendo objetos no Museu, o que de certa forma ajuda as crianças na compreensão da sua história, fortalecendo assim o desenvolvimento cognitivo das crianças. O entrevistado destaca, ainda, o papel do Museu na diminuição dos índices de criminalidade, indicando que para muitos jovens desempregados, ao amanhecer, a sua diversão era beber e fumar.

No entanto surge uma outra pergunta ao Senhor D: Onde esses jovens apanhavam dinheiro para beber e fumar? A explicação deste questionário encontra-se no elevado índice de roubo de gado bovino daquela comunidade, portanto, os jovens roubavam o gado e vendiam a preços muito baixos só para ter dinheiro para comprar uma droga de nome “NHAUPE”. O Senhor D, afirma, também, que antes da existência do Museu naquela comunidade, haviam muitos casos de violência sexual, o que fazia com que muitas mulheres não madrugassem para as suas machambas, devido ao medo de serem violadas.

Contudo, para o Senhor D, isso impactava diretamente na produção e no cultivo, às mulheres bastava o sol sair e ganhavam preguiça, já não iam mais machamba, logo, o índice de fome disparava, tornando aquela população mais frágil e vulnerável à miséria. Pois se habituaram a madrugar para machamba e voltar a tempo de continuar com os seus afazeres domésticos, o que contrasta a onda de violações.

Já com a criação deste Museu, a população local (jovens), passou a ter um local de recreação e de aprendizagem, o seu tempo já era destinado ao Museu onde iam observar os objetos e ao mesmo tempo iam aprender sobre a história, e essa forma de aprendizagem despertava mais atenção aos habitantes daquela comunidade, alguns querendo aprender alfabetização para ler e interpretar os objetos.

Assim, o Museu de Maciene reduziu os conflitos entre a comunidade e algumas instituições governamentais, ora, antes deste Museu a população local vandalizava as carteiras para usar como lenha, o que condicionava um clima de tensão e euforia entre essas duas figuras, por um lado temos salas de aulas sem carteiras e por outro temos a comunidade rebelde que usava as carteiras como lenha. Aprendizagem, por parte das crianças, era estática e monótona, aprender sentado no chão e diferente se sentar na carteira.

Antes do Museu a população não tinha conhecimentos sobre a educação patrimonial, resultante da educação popular. Para Azevedo (2010, p.51):

A Educação Popular tem como objetivo o desenvolvimento da comunidade através do envolvimento participativo dos indivíduos da população local, num processo que considera os sujeitos como recursos na seleção, valorização, recuperação e partilha dos patrimônios, e que julgam ser identitários dessa comunidade.

Porém antes da educação popular sobre a valorização dos bens, as carteiras nas escolas não eram conservadas e o que aumentava o número das crianças que sentavam no chão. Um chão gelado pode contribuir para o aparecimento de várias doenças como gripe, tosse ou mesmo sinusite. É a partir das exposições que esta comunidade começa a ganhar consciência de preservação e conservação dos objetos. Essa consciência se estende para o além, porque começam a ver a necessidade de conservar o seu patrimônio.

Contudo, a comunidade percebia a importância de não vandalizar as carteiras, pois estas seriam úteis para o processo de ensino e aprendizagem das crianças e acima de tudo para as gerações futuras. No Museu de Maciene constroem-se narrativas de tempo e de espaço, focado em história em torno da situação vivenciada numa determinada época.

Criança A, aluna de 9 anos, da Escola Primaria de Maciene, em entrevista, responde que o Museu ajuda a compreender o passado e que gosta muito de ir ao Museu porque tem

participado em várias atividades recreativas. Questionada sobre quais atividades gosta no Museu, ela responde sorrindo que gosta muito de dançar. Em jeito irônico, pedimos que ela dançasse um pouco, apenas sorriu e disse aqui não tem música.

Costa (2021), ressalta a importância do diálogo e da aceitação que por vezes os museus locais podem não querer adotar um modelo profissional e podem escolher não seguir os valores de diversidade cultural entre outros valores. Aceitar os princípios de diversidade cultural pode significar ultimamente a aceitação daqueles que não se querem reger por esses mesmos princípios e que possuem uma visão diferente das suas histórias, aceitando simultaneamente que talvez o próprio governo, o museu e os seus curadores devam ser considerados comunidades em si com valores culturais que não são partilhados necessariamente com a totalidade da população.

O trabalho do curador e do museu é de agir como mediador entre diferentes comunidades, esta não deve ser uma autoridade absoluta, mas também não deve ser colocada em oposição com as comunidades que por seu lado não têm um monopólio sobre representações “autênticas”, sendo que um dado grupo comunitário pode ser representado em dadas circunstâncias por outros fora deste (Costa, 2021).

O museu e os seus trabalhadores devem tomar total responsabilidade e total controle sobre as suas exposições, o foco e objeto de estudo do museu não deve ser de agradar uma ou várias comunidades através de campanhas de marketing ou oferecendo espaços museológicos para o uso destas, mas sim fazer aquilo que é o seu objetivo central, a preservação, estudo e exposição de objetos e obras de valor único para a civilização humana.

Nesse sentido, entende-se que esta comunidade já está consciencializada pois a mesma contribui para a preservação dos objetos em exposição que se encontram no Museu, a demais a população de Maciene já não vandaliza as intuições ao redor. Por iniciativa própria esta comunidade sugeriu que se contratasse os guardas para as instituições públicas assim como para o Museu, um jeito de se manter preservados os objetos. Aliás, mesmo a sua construção foi de iniciativa da população.

O Senhor D, afirma que, durante as reuniões populares, a população clamava por algo que enraizasse a sua cultura e os modos de vida. Portanto, a decisão da construção desse Museu foi coletiva, resultando de um processo democrático. Assim, escolheram no comitê do círculo onde foram feitas as reuniões para construir o Museu. Sem ajuda do governo para a construção de infraestrutura, decidiu-se que cada família deveria contribuir com um valor de 100mtn, moeda em uso em Moçambique, o que equivale 8 Reais, moeda em uso no Brasil, pelo câmbio

do 03 de julho de 2025. É importante frisar que o papel do Governo foi aceitar a construção do Museu e ceder o espaço, as atividades subsequentes foram executadas pela comunidade.

Para Costa (2021), o museu e os seus curadores não devem procurar exaustivamente agradar ao público ou as comunidades constituintes da sua região simplificando as suas exposições a algo que leva a um progressivo abandono do seu profissionalismo, mas focar nas suas coleções e nas suas exposições assumindo que o vasto público saberá apreciar os frutos do seu trabalho. O museu não pode estar voltado para agradar uma determinada comunidade, mas sim para tornar a comunidade mais crítica, com pensamentos positivos desses objetos museológicos, por ser um local de novas experiências e desejos, é um mundo de paixão e curiosidades.

O senhor D, ressalta que se verifica maior aderência da comunidade acadêmica no Museu procurando respostas sobre problemas sociais, até mesmo AMETRAMO (Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique) busca algumas respostas no Museu, pois existem crianças com a problemática das crenças espirituais no contexto cultural e que constantemente tem desmaiado na escola, porém se alega haver uma relação desses desmaios com a morte daquelas cem pessoas, por isso se faz um tralho de base pelas entidades competentes de modo a resolver a problemática.

Este Museu desempenha um papel de grande relevância para a história da comunidade, pois serve como vínculo entre o passado e o presente através dos objetos. Os objetos são um fator primordial para indagação das crianças. O poder político tenta de alguma forma influenciar a história para que os visitantes dos Museus narrem um lado da história e não ambos os lados, desde a guerra civil que eclodiu em 1977, dois anos após a independência nacional moçambicana, mas a realidade vivenciada no Museu dita outros contornos da história, isso porque o que se retrata no Museu, está bem claro e visível sobre a história da guerra civil, que de certa forma não traz boas lembranças para aquela comunidade.

Na esfera social o Museu contribui para mudanças de atitude relativamente a um conjunto de múltiplas áreas oferecendo variadas perspectivas didáticas aos seus visitantes, por exemplo, através de programas interativos utilizando objetos patrimoniais ou organizando projetos educativos com escolas ou outras instituições de ensino.

Por outro lado, o Museu tem também a capacidade de contribuir para o desenvolvimento económico local podendo ter um papel de relevância no fomento do turismo e criação de empregos. Esse potencial económico do Museu no fluxo turístico cada vez mais reconhecido, por sua vez, impulsiona a criação de estratégias de desenvolvimento sustentável focado no turismo cultural.

Como ressalta Costa (2021), a função mais básica dos museus é a conservação e valorização dos recursos culturais de uma ou múltiplas comunidades estas instituições inevitavelmente contribuem para a sustentabilidade dos seus ambientes culturais, sendo também capazes de possivelmente através das suas temáticas centrais influenciar as atitudes das pessoas relativamente ao ambiente natural e à sua proteção.

O museu tendo como suporte, a conservação dos objetos e valorização do patrimônio local, deve contribuir na mudança das mentes, para um bem coletivo, sendo um espaço que armazena e conserva, deve transmitir algum legado para a comunidade. Porque as atividades que são realizadas no museu ajudam no desenvolvimento cognitivo das crianças, porém, não se pode ignorar a influência que o museu tem para com as comunidades.

Assim, condiciona o desenvolvimento de uma relação saudável, entre o museu e a comunidade, pois a comunidade conserva os locais histórico e torna como lugar turístico que condiciona aprendizagem reflexiva e crítica.

2.2 Preservação da memória e do patrimônio local

A preservação da memória e do patrimônio histórico, desempenha um papel crucial para sociedade, pois o patrimônio histórico proporciona uma vasta abordagem de conhecimento que retrata o passado da comunidade. Portanto, sem conservação do patrimônio histórico a sociedade fica sem fonte do saber, pois, a herança cultural que recebemos dos nossos ancestrais, torna-se um compromisso indispensável a sua preservação e conservação.

Portanto, Porta (2012), afirma que nosso maior desafio em relação à política de preservação do patrimônio é incitar e fortalecer esse interesse, promovendo a relevância do patrimônio cultural e a efetivação de seu potencial, nessa lógica, a relação entre estes dois elementos, patrimônio e museu, está intrinsicamente ligada.

A preservação desses monumentos históricos, significa manter um contato tangível com o passado. Cada canto deste museu conta uma história que merece ser contada e apreciada pelas gerações presentes e futuras. Preservar não significa produzir um mundo estático, significa também atrair visitantes, atrair investidores e turistas, pois estes poderão permitir a entrada de divisas, gerando receitas para a população local, porém, esses locais preservados servem como sala de aulas onde pode se aprender sobre o passado, em particular sobre as guerras.

Os museus visam informar e trazer ao público a importância dos objetos expostos, pois dão vida ao passado e fazem ponte entre as guerras e a comunidade, despertando um

pensamento crítico e reflexivo. É tarefa do museu trabalhar e ensinar as gerações vindouras a importância de cada objeto exposto e identificar as formas de conservação.

Felipe (2014), ressalta que o desenvolvimento do turismo cultural contribui, acima de tudo, para conhecer a realidade e a riqueza do patrimônio cultural de uma comunidade, de um país, de uma região. Por seu intermédio, a história de domínio local passa a ser mais abrangente, mais conhecida e, conseqüentemente, mais pessoas ficam desejosas de conhecer o museu. É assim que os bens museológicos podem se tornar o foco da atração turística.

Naturalmente que, hoje, mais do que nunca, os museus competem pela interpretação patrimonial, cultural e pela construção de memória, com múltiplos espaços públicos e privados, e com a infinidade de espaços das redes sociais (Berrett, 2012).

Em relação à memória, Bosi (2003, p.16) defende que "o movimento acadêmico de recuperação dessa área nas ciências humanas pode estar vinculado à necessidade de enraizamento social, pois é do vínculo com o passado que se extrai a força para a formação de identidade".

Costa e Castro (2008), ao analisarem as produções de Ferreira (2006) destacam que para além da origem jurídica do termo, o sentido evocado ao termo patrimônio é o da permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento.

A consciência africana reivindica mais os espaços culturais que necessariamente cuidar, é preciso zelar pelos espaços museológicos para que futuras gerações tenham um lugar de recreação, de lazer e de aprendizagem, em outras palavras, zelar, significa guardar um bem para próximas gerações.

A Escola Primária de Maciene, como um potencial para aquisição de competências pedagógicas e por ser uma escola que está inserida dentro da comunidade, tem maior interesse em levar as suas crianças para o Museu. Segundo a professora F, professora em exercício na Escola em alusão, todas as crianças gostam de ir ao Museu, porque se familiarizam muito com os objetos. Para a professora isso contribui para ao fortalecimento do potencial pedagógico nas crianças, através dos artefatos do Museu de aberto de Maciene.

A escola, em parceria com o Museu, tem feito visitas com o objetivo de deixar em prática a história e guardar a memória, porém, importa lembrar que a ida ao Museu não está plasmada nos planos curriculares. Assim, Costa e Castro (2008), analisando as produções de Chagas (2005) afirmam não haver como separar a memória e a preservação do exercício do poder, onde estas ações estão presentes ali também está presente o poder.

No entanto, como salienta o autor, não raro em algumas práticas discursivas, a preservação dessas memórias é justificada pela perda e pelo esquecimento, como se esquecer e perder constituíssem males absolutos e os seus opostos supremos bens; como se os esquecimentos e as perdas não pudessem abrir portas e janelas para o novo e para o criativo; como se a preservação e a memória não pudessem ser manipuladas.

Costa e Castro (2008, p.126), ao analisar as produções de Chagas (2005), afirmam ainda que reconhecer a inseparabilidade entre “memória e poder, entre preservação e poder, implica a aceitação de que esse é um terreno de litígio e implica também a consciência de que o poder não é apenas repressor e castrador, é também semeador e promotor de memórias e esquecimentos, de preservações e destruições”.

A memória, faz um cruzamento do passado e do presente, perspectivando o futuro, porém, a preservação guarda a memória coletiva e individual, através dos objetos, buscando mais conhecimentos históricos. O conhecimento histórico só pode ser discutido, ou um saber histórico só pode existir se preservamos os locais históricos.

Porém, Costa e Castro (2008), ao analisar as produções de Oliveira (2003), argumentam que para além de um sentido estático que por vezes, ou por vício ou mesmo por ingenuidade, caracteriza o patrimônio, deve-se pensar este como um espaço em que se constituem práticas sociais, cujas relações são a um só tempo complexas, dinâmicas e dependentes daqueles que nelas se envolvem. Assim, a polivalência dos espaços cria campos possíveis de práticas sociais diversas, os lugares nada significam se não levarmos em conta os agentes a que estas instituições estão sujeitas.

Talvez, se partíssemos dessa concepção sua preservação se daria em função da preservação das diversas possibilidades de interpretá-lo e nesta formulação, o material gera o imaterial, num processo circular e retroalimentado, sendo na prática impossível haver qualquer separação entre esses elementos

Alde (2016), ao analisar as produções de Muocha (2014) diz que, se queremos que a sociedade visite os museus de forma constante e frequente, esta precisa ser informada acerca dos valores que os bens museológicos carregam, e este conhecimento pode ser através da educação patrimonial.

A partir do momento em que as comunidades têm acesso ao seu patrimônio cultural ocorre um processo de inclusão, o qual garante maior coesão social e a consciência de pertença ao local. A preservação do local histórico, constituiu um marco para o conhecimento das tradições passadas, pois é com o conhecimento das tradições que se respeita a astúcia de qualquer comunidade, Alde (2016).

Castriota (2014), refere que a tradição estabelece entre o passado e o presente relações mais complexas do que poderia parecer à primeira vista, são permanências do passado, elas existem no presente, onde desempenham normalmente a função de emprestar sua chancela de autoridade a atos do presente

Todavia, Brandão (1996), diz que o patrimônio deve e sempre será um dos instrumentos para a educação. Tanto as escolas como os museus, são lugares privilegiados de comunicação embora bastante distintos devido às especificidades de cada um. As mais importantes especificidades deste processo nos museus dizem respeito ao tempo, lugar, aos objetos e aos públicos.

Nota-se que o desconhecimento ou minimização da importância destes fatores, leva muitas vezes a transposição integral dos métodos pedagógicos escolares para os museus, o que constitui um erro, comprometendo todo o processo.

2.3 Impacto da educação patrimonial na disseminação do patrimônio cultural

É importante, frisar que a educação patrimonial, pode ser usada como um instrumento de alfabetização, pois a juventude ganha consciência de valorização e conservação dos locais históricos. Considera-se que patrimônio é um grande acervo, é o registro dos acontecimentos da história de um lugar, de uma sociedade, e muitas vezes se perde por falta de incentivo ou pela perda da identidade da comunidade, que sofre as mudanças e interferências do mundo globalizado.

A educação patrimonial visa despertar a consciência de conservação, pois evita a degradação dos elementos que podem constituir objetos para o estudo da história daquela comunidade. A característica principal de educação é desenvolver um conhecimento informal, tornando os habitantes daquela comunidade críticos.

Read (1986, p. 18), ressalta que:

Todas as palavras de uso possível para expressarmos o propósito da educação: ensino, instrução, criação, disciplina, aquisição de conhecimento, aprendizagem forçada de maneiras ou moralidade, todas elas se reduzem a dois processos complementares que podemos descrever com propriedade como “crescimento individual” e “iniciação social”.

O autor inspirou muitos pesquisadores sobre a educação patrimonial e a necessidade de conservar os locais históricos, porque dali sai a ciência do saber e de questionamentos e da construção de cidadania.

Para Horta et al, (1999, p. 6):

A educação patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Estes autores afirmam que a aprendizagem é gradual obedecendo etapas, pois esta educação patrimonial aparece como fonte primária para aquisição de conhecimento, na medida em que se aprende a história através do primeiro contato que se tem com os locais museológicos, mais também segundo essa permissão a conservação dos locais museológicos visa transmitir às novas gerações a necessidade da valorização dos patrimônios históricos, pois sem preservar o patrimônio histórico, fica um povo sem história ou sem lembranças. Um povo sem lembranças, é um povo esquecido no tempo.

A Educação Patrimonial procura descobrir os valores, costumes, hábitos, aspectos da vida, lendas, cultura material e particularidades do ambiente, afim de revitalizá-los para que toda a comunidade tenha acesso a essas informações.

Para que ocorra a educação patrimonial é necessário o conhecimento integrado do patrimônio, portanto Farias (2002, p. 62) afirma que: “cabe à educação patrimonial a escuta e a mediação dos sujeitos sociais portadores de tradições, de saberes e fazes que, em sua diversidade, constroem atrativos geradores de significação e integradores da identidade e identificação cultural”.

É sua responsabilidade sensibilizar e conscientizar as comunidades em torno de seus valores e tradições, inserindo tais práticas na vida sustentável, resgatando e preservando o imaginário coletivo e o patrimônio representativo da cultura, no eixo temporal e espacial.

Para identificar e valorizar é preciso preservar o patrimônio, e para preservar é preciso conhecer, esse conhecer pode ser obtido através da Educação Patrimonial, conscientizando a comunidade sobre a importância da preservação do patrimônio que se encontra ao seu redor, pois nunca se pode preservar algo que não se conhece, e nem se tem a dimensão da sua importância.

Portanto os líderes locais têm a responsabilidade de ensinar a comunidade que preservar não precisa ser o monumento histórico como o museu, mas sim essa preservação parte de casa, podendo se preservar, a faca, o prato, o relógio, justamente que com o passar de tempo, estes objetos podem ser usados como lembranças de um determinado tempo. Cada momento tem sua esfera e cada época tem seus movimentos ciclos e suas mudanças estruturais, um sapato

que existiu em 2000 e foi usado nessa época, é provável que em 2024 não exista. Mas se conservamos o mesmo pode ser usado como memória, ou objeto que retrata a história de uma determinada época.

O mesmo sapato pode ter sido usado no tempo de guerra, tempo de cheias, ou mesmo tempo de seca, então o sapato constitui a ferramenta de aprendizagem. É através do sapato que desenvolve a narrativa e a curiosidade dos fatos históricos.

No entanto, essa curiosidade parte de casa e transcende para os vizinhos, pois estes vão se deparar com objetos antigos aqui referenciados na casa dos vizinhos, encontram um mundo novo e imaginário, dessa imaginação resulta um posicionamento coletivo, *a necessidade de preservar e conservar os objetos*, porém, esse pensamento ao sair de casa torna-se benéfico para a própria comunidade que passa a zelar pelos objetos e pelos locais históricos.

Assim, a preservação do Patrimônio Cultural tem importância fundamental para o desenvolvimento e enriquecimento de um povo e de sua cultura. Os bens culturais guardam informações, significados, mensagens, registros da história humana, refletem ideias, crenças, costumes, gosto estético, conhecimento tecnológico, condições sociais, econômicas e políticas de um grupo em determinada época, assim o patrimônio cultural não pode ser visto de forma isolada, pois configura uma relação de subjetividade, população e locais históricos.

A população deve preservar os locais históricos como o museu, justamente porque é nos locais históricos onde se adquire conhecimentos sobre o passado, porém os locais históricos fornecem uma vasta gama de saberes a sociedade e a mesma por sua vez preserva os locais históricos para poder ter o que contar às futuras gerações, pois essa história deve ser transmitida de geração em geração.

Não só se transmite a história de geração em geração, mas também se transmite a necessidade de saber preservar, preservar num contexto histórico significa conservar, conservar hoje para usar amanhã. A lógica desse pensamento histórico, perspectiva-se no futuro, num olhar além.

O além não tem fronteiras, as futuras gerações não precisam de usar o método de adaptação ou fontes arqueológicas, para conhecer o passado, pois através dos monumentos históricos e dos objetos, estuda-se o pretérito. O patrimônio cultural vira o centro de atenções e de estudo. As crianças, a comunidade em geral preocupa-se em preservar esses locais para que deles se beba da fonte a própria história, é como se houvesse a necessidade de manter o curso da água em dia no rio, pois esse, ao secar, pode implicar na morte da população de sede.

O Patrimônio Cultural não é algo estático, pois deve ser mantido em conservação, permitindo o enriquecimento da própria cultura e a necessidade da sua conservação e

preservação. No entanto sem educação, os homens tornam-se vazios, pois o homem vazio, não pensa nas futuras gerações, não tem a consciência de conservar e preservar os locais históricos.

Não se pode viver em comunidades transitórias, sem lembranças e sem marcas do passado, educar para saber preservar, constitui um grande flagelo para comunidades que não acreditam no amanhã.

3. A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE LOCAL SOBRE A FUNÇÃO EDUCATIVA-FORMATIVA DO MUSEU

Após a análise da função educativa-formativa do Museu, elencar-se-á um conjunto de conhecimentos produzidos sobre a temática, porém, para atingir esta finalidade, a presente seção propõe uma revisão de literatura que almeja ser ampla sem atingir o estado da arte. A revisão foi estruturada com base em artigos que tratam sobre a temática.

Para esta revisão de literatura foi realizado um levantamento em repositórios de artigos científicos, usando os seguintes descritores de pesquisa: “Museu and Formação”; “Museu and Educação”; “Museologia and Formação”; “Museologia and Educação.

As bases de dados, também denominadas de repositórios de pesquisa, consultadas para o levantamento de trabalhos foram: Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO Brasil); CrossrefMetadataResearch(Crossref); Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Sistema de Informação Científica da Rede de Revistas Científicas da América Latina e o Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc); Directoryof Open Access Journals(DOAJ) e Google Scholar.

Ressalta-se que a revisão da literatura não intenciona fornecer uma narrativa linear e coesa tal qual demanda a análise histórica, mas objetiva apresentar um conjunto de informações de forma mais clara e detalhada possível sobre a temática de pesquisa.

Portanto, espera-se, por meio dessa seção, apresentar e analisar o conjunto da produção científica já sistematizada sobre o objeto da presente pesquisa.

3.1 A função educativa-formativa nos artigos científicos

No total, foram encontrados e analisados 12 artigos em periódicos, todos eles utilizando a abordagem qualitativa. No Quadro 1 a seguir, estão listados todos os artigos levantados por meio das bases de dados:

Quadro 1. Artigos levantados sobre a função educativa-formativa do museu.

Num	Nome da Revista	Referência Completa	Autoria
1.	Revista Multitemas	SANTOS,M.C.L.F; MARQUES, H.R; CASTILHO,M.A; Museus e escola: parceria na efetivação de acoes culturais para a formação de público consumidor.	Maria Cristina Lima Felix Santos; Heitor Romero Marques; Maria Augusta Castilho

2.	RBECT- Revista brasileira de ensino de ciência e tecnologia	OLIVEIRA,C,G,O; GUIMARAES,P, S,A; MONTEIRO, P. A escola vai ao museu: acoes e percepções dos professores nesse percurso,v.12,n.2,p.231-247,maio/ago.2019	Guilherme Cordeiro da Graça de Oliveira; Palloma dos Santos de Araujo Guimaraes; Patrice Monteiro
3.	REVISTA@mbiente educação	GONCALVES,R,C,O; LIRIA,A, A, D, Representações sociais da Relação museu-educacao: Desafios a formação e a gestão em Campina Grande: Universidade Cidade de são Paulo, v.13,n.3,p252-274,2020	Renata Carlos de Oliveira Goncalves; Andrade Augusto Diniz Liria
4.	Revista Multidiscilinar de ensino, pesquisa, Extensão e Cultura do instituto de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira	ZANOTELLI,C,A; ZUCOLOTTTO, A,M: Dialogo entre Museu e escola: Relações possíveis no cenário de pesquisa atual,v.8n.18,2019	AngeloZanotelli Cagliari; Andreia Modrzejewski Zucolotto
5.	Revista de História hoje	FERREIRA, E,C,V: Relação museu escola: um olhar para o ensino da cultura negra nas acoes educativas do museu de Folclore Edison Carneito (1968-1982), v,13n27,2024	Elaine Cristina Venture Ferreira
6.	Revista Museu Paraense Emílio Goeldi	LIMA,D,F,C: Museologia-Museu e património, patrimonizacaoMusealização: ambiência de comunhão, v7.n1.p31,2012	Diana FarjaCorreia lima
7.	Revista de arqueologia Publica	SIQUEIRA, J,M: O signo de participação: museu e educação na perspectiva sociológica, n.9,2014.	Juliana Maria de Siqueira
8.	Revista de arqueologia e Etnologia	Tamanini,E: Museu, educação e arqueologia. Prospecções entre teoria de pratica, suplemnto 3:339, 1999.	Elizabete Tamanini
9.	Artigo	MATOS, I,A,P: Educação Museal: o carácter pedagógico do museu na construção do conhecimento, n.1, p93-104.2014	Isla Andrade Pereira de Matos
10.	Educar em revista	LOPES,T; CARVALHO,C: educação infantil em museus de arte ciência e historia	Thamiris Lopes; Cristina Carvalho
11.	Revista Interacções	LONKHUIJZEN,D,M,V;VARGAS,I,A; ZANON, A, M; WIZIACK, S,R; educação ambiental e museus: janelas epistemológicas do passado, presente e futuro,v.23.n.3, 614-634.2022	Dirceu Mauricio Van Lonkhuizen; IcleiaAlbuquerque de Vargas; Ângela Maria Zanon Suzete Rosa na de Castro Wiziack
12.	Revista Docência e Cibercultura	CARVALHO,C; CAMPOLINA,G; Aproximação em tempos de distanciamento: Museus em contextos virtuais durante a pandemia;v.6, n.4,p.21,2021	Cristina Carvalho; Gabriela Campolina

FONTE: Organizado pelo autor em 2025

Para Santos et al (2018), os museus promovem ações educativas não formais oportunizando à população local reconhecer esse território como local de interação cultural e permanência da memória. O plano de trabalho do setor educativo dos museus oferece ações aos visitantes, em que esses experimentam a ambiência da expografia museal, interagem com as coleções museais e absorvem o objetivo, a essência da exposição na construção da história e na permanência da memória.

Nos museus, como espaço não formal, a educação não ocorre da mesma forma que na sala de aulas, aqui aprende-se falando com os objetos. Na escola a educação tem um plano curricular específico, um programa baseado nas diretrizes curriculares nacionais, cujo o objetivo é a formação integral, baseado em competências dos alunos. No entanto os museus não têm um plano curricular, seguem a linhagem de exposição de objetos, a aprendizagem é informal, não tem um padrão específico para se aprender. Cada visitante, traz uma gama de conhecimentos, que serão replicados com os objetos expostos, portanto, a aprendizagem ganha outros contornos e dimensão.

Santos et al (2018), refere que, para que os museus tenham uma política de formação de público, suas atividades devem ser sistematizadas em programas. Esta educação não ocorre num momento específico de vida, ela está aberta a todos, porém é no museu onde se encontram diferentes públicos, onde desenvolvem novos paradigmas educacionais.

O museu como um local que desenvolve a educação não formal, promove a curiosidade, a solidariedade e o auto estima. É no museu onde os objetos falam, se comunicam e trazem certas lembranças. O museu como um espaço não formal, desenvolve a capacidade crítica, ousada e inovada. Pois, o espaço museológico condiciona o surgimento de muitas perguntas, que advém dos objetos expostos. O museu desenvolve a consciência política, econômica, social e pedagógica.

Para Santos et al (2018), os museus são definidos como espaços de educação não formal, assim possuem a responsabilidade de motivar a reflexão crítica a respeito das transformações sociais, considerando que normalmente a temática museal se relaciona à contemporaneidade. O museu educa sem ter um currículo pré-determinado, porém segue um plano intencional, logo se assemelha ao ato formal educativo. Cabe ao mediador cultural, atuante em museus, o papel de favorecer um processo dialógico, entre os objetos, da exposição e os visitantes.

Nessa vertente, é preciso conciliar a educação formal da não formal, (especificamente os museus). A abordagem científica dos conteúdos no museu ganha outros contornos, pois muita das vezes se relaciona o que se aprendeu na sala de aulas com os objetos expostos. A

exposição tem uma dimensão ampla de conhecimento, pois a teoria e a prática une-se por um único objetivo, dotar o homem de novas práticas e experiência. Para tanto, Santos et al (2018), estabelece uma relação educativa entre o museu e a escola, como aquela que seja baseada na ação e na reflexão crítica através de métodos e de técnicas que façam sentido para o grupo de pessoas envolvidas, devendo sempre serem contextualizados e em constante avaliação. Porém, deve-se analisar a linguagem usada no museu, como um local que trata a plenitude de fatos históricos, auxiliando a história através dos objetos. O museu contribui em grande medida no processo formativo das crianças, através das suas exposições e facilita a capacidade de compreender os fatos e a função dos objetos expostos.

Nessa lógica de raciocínio, Zanotelli et al (2019), afirmam que a ida ao museu e a uma exposição com objetos mostrados de forma temporalmente fragmentados (uma exposição histórica) não podem ser entendidos pelos docentes como uma possibilidade de aprendizagem total, e sim uma oportunidade de sensibilização conectada ao processo educativo já iniciado em sala de aula, desse modo há sentido e significado educativo na ida ao museu.

Esse posicionamento é partilhado por Santos et al (2018), ao estabelecer que as ações museológicas só podem atingir os objetivos de transformação social e exercício da cidadania se forem associadas à dimensão educativa, porque assim como a educação formal, os processos de um museu também são dinâmicos, resultantes da ação e reflexão dos sujeitos participantes do processo. Assim os professores, como os representantes do museu, desempenham um papel de extrema importância, pois atuam como mediadores nesse processo, em que o aluno, ao visitar o museu, os professores explicam a história em coordenação com os representantes, através dos objetos. Ora, para Freire, (1996), a escola tem a função de sistematizar o conhecimento, trabalhar de forma crítica as coisas e os acontecimentos e por consequência, sua comunicabilidade

Para o autor, a aprendizagem formal, cria uma visão ampla dos fenômenos sociais e que em algum momento essa visão é conciliada com o dia a dia. Porém, para o ensino da história os museus tornam-se um elemento imprescindível na comunicação, ainda que essa linguagem seja muda porque os objetos são estáticos, ora os objetos em exposição são o reflexo do passado.

Catarina e Guedes (2018), afirmam que os museus são considerados o aval de verdade histórica, porém para estes autores o museu torna-se um lugar de debates críticos. É importante salientar que as visitas aos museus, enfrentam um grande problema por vezes por falta de transporte para levar os alunos aos locais históricos para relacionar o que aprenderam na sala de aulas e nos locais em exposição. Ora nos planos curriculares não vem um programa

específico de visita aos museus e por vezes as instituições de ensino não dispõem de um orçamento para o efeito. Estes fatores, podem minar o interesse dos alunos aos museus.

Ferreira (2024), ressalta que, os museus exercem uma relação de parceria com as escolas que se apropriam desses espaços como uma forma de explorar suas ações pedagógicas. Porém, os museus devem abrir um espaço para criação de um debate crítico, profundo, analítico e acima de tudo para a mudança das mentes para um bem-estar político, econômico e social:

Assim, os professores, ao incorporarem os Museus em suas práticas pedagógicas, necessitam transformar os acervos e outras produções discursivas em fontes, de modo que os alunos venham a ser estimulados ao exercício da reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico. Os museus são instituições que nos permitem entender determinados contextos sociais, o pensamento de uma época, sendo ainda um caminho para interpretação das relações humanas, já que são espaços de disputas simbólicas. E para que essa atividade venha a ser significativa para os estudantes, a atitude dos docentes é de extrema importância (Ferreira, 2024. p. 260).

É preciso compreender que para aula de história, as fontes de ensino são um instrumento de grande importância, pois auxiliam o aluno na capacidade crítica dos fenômenos. Porém, as fontes permitem uma análise detalhada de cada objeto exposto. Com isso pretende-se afirmar que as fontes contribuem com a ideia de indagação e percepção de novos sentidos.

Ferreira (2024), aponta que os professores de História, ao usarem os museus em suas atividades, levem os seus alunos a entendê-los através do contexto político de sua própria criação.

Pois, a maior parte dos objetos expostos no museu, estão ligados com fatores políticos, que por vezes retratam uma história de violência, de tortura e acima de tudo de revoltas de uma determinada época de um povo, no entanto, essas revoltas podem ter uma dimensão política e social.

Os museus têm uma função ativa na construção da nação. Pois materializam um discurso sobre o passado e seus mitos fundadores. A sua memória, uma vez evocada, desperta nos seus visitantes um sentimento de identificação. Os museus atuam na construção da nacionalidade, disseminando um imaginário que tem papel pedagógico, já que ensinam valores e formas de pensamentos (Ferreira, 2024, p. 270).

Os museus contribuem para o ensino e aprendizagem na medida em que estabelecem relações de poder que devem se materializar em questionamento e visão crítica dos fenômenos em forma de objetos. Porém, permitem uma reflexão política de uma determinada época em que os fatos aconteceram. Contudo as suas abordagens não são absolutas, pois ainda carecem de respostas

Para Siqueira (2014), a identidade do museu-processo e sua função/significação social não são dadas pelos seus acervos, mas pela natureza específica das operações por meio das quais se promove, participativamente, o reconhecimento e a salvaguarda do patrimônio de uma

comunidade. Porém, para esta autora, aí reside a sua singularidade – seu modo particular de identificar, organizar, contextualizar e reconstruir referências sociais para os elementos culturais, das identidades e memórias coletivas, bem como de colocá-las em diálogo, como fórum, no espaço público.

Nessa lógica, não se pode afirmar que a educação não formal seja um processo cabal para o desenvolvimento intelectual da criança, assim, a exposição vem consolidar conhecimentos adquiridos na sala de aula. O acervo ajuda as crianças com sentimentos de pertença, de conservação, de valorização e aprendem a importância dos locais históricos, pois os locais históricos, fazem parte de cultura de uma certa sociedade.

Tamanini (1999), afirma que todo o museu, estando aberto ao público, transmite uma mensagem, educa através do objeto a qualquer pessoa que nele entrar, seja qual for a sua classe social, sexo, idade, raça ou escolaridade. Assim essa educação pode ser constante, pois aprendizagem é feita através dos objetos que representam, as tradições, os hábitos e costumes de uma certa comunidade.

No entanto é importante frisar que a aprendizagem no museu é contínua e sistemática, logo os museus são herdeiras de uma continuidade do passado. Porém, para Russio (1979), o sujeito e o objeto do museu são sempre o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas ideias e esperanças. Ora, a história do homem é de certa a base fundamental para consolidação do museu e o desenvolvimento de ensino e aprendizagem, nessa verdade o museu e aprendizagem, tem uma relação interdisciplinar. É importante o estudo das fontes de história para auxiliar a aprendizagem no museu, pois as fontes arqueológicas se dedicam ao estudo do homem, por meio da materialidade dos fatos.

Matos (2014), reconhece que as atividades e a educação desenvolvidas em museus ocorrem de forma a caracterizar uma educação intencional, uma vez que sua intenção educativa está presente na própria definição de museu apresentada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). Contudo, é importante salientar que a aprendizagem não formal desempenha um papel relevante na formação das crianças. O museu como um local de grandes fatos históricos, descoberta do passado através das fontes arqueológicas, auxilia a capacidade de raciocínio, de pensar construtivo, de zelar pelos locais históricos, e acima de tudo não só ajuda na formulação da história, mais sim na análise crítica, que reflete a historicidade dos fenômenos. Neste caso, a exposição deve ser clara, facilitando o processo de aprendizagem.

Matos (2014), em análise nas contribuições de Ramos (2004), considera a presença dos monitores indispensável, cuja atuação se daria pela prática de fazer perguntas para despertar, no visitante, reflexões em um diálogo criativo acerca do que está sendo visto. Ramos,

estabelece uma relação de equilíbrio, pois a exposição em si, desperta curiosidade, mais é fundamental a presença dos monitores, para que respondam perguntas dos visitantes ou dos alunos. O museu é um local mudo, a sua fala é através dos objetos, que por sua vez os monitores devem estar para explicar cada detalhe e em cada objeto. Portanto, cabe ao visitante fazer perguntas sobre o objeto, sobre a história dos objetos e em contrapartida o expositor vai narrar os fatos com os objetos à vista dos visitantes.

Assim, para Matos (2014), chegar até o objeto com um conhecimento prévio do qual não houve sua participação e usar o objeto apenas para ilustrar algo, como representação desse conhecimento, é fetichização, é transformar o museu em templo, não arguindo as peças em exposição, mas aceitando sua posição, sem questionamentos, como objeto venerável. A autora vai mais a fundo ao afirmar que o museu deve propiciar ao visitante uma perspectiva de aprendizagem na qual ele seja estudado como documento, rejeitando qualquer tentativa de similitude da realidade por uma única vertente analítica.

Porém, uma exposição é aquela que é reflexo de indagação, cujo o teor é a busca de um conhecimento sistematizado nos objetos. Assim, a presença dos curadores é fundamental para explicar detalhadamente a importância dada ao objeto e o vínculo cultural que este objeto pode representar para aos visitantes. Ora os objetos narram a história de uma comunidade, que caracteriza os hábitos e costumes, esses hábitos são acompanhados de momentos de alegria, assim como de tensão, quando os museus explicam através dos objetos, os momentos de fúria, de guerra e de perseguições políticas.

Matos (2014), em análise nas contribuições de Ramos (2004), refere que o museu dispõe de uma didática própria que deve ser apreendida pelo corpo de educadores de museus, pelos professores, pela gestão escolar como um todo e pelo público. Porém, para o autor, enquanto não houver uma valorização do museu enquanto espaço complexo de construção do saber, que implica método e conhecimento profundo das temáticas que cercam os estudos de museu, ele deixa de cumprir com sua função educativa e peca por omissão, anula-se como lugar de produção de conhecimento.

Nessa lógica, é importante e pertinente que se valorize os museus, pois eles são um lugar de produção de conhecimento, um lugar das dúvidas e resposta. Assim a valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural, é, em certa medida, muito importante para aprendizagem das crianças, efetivamente porque aprendem o passado através dos objetos, aprendem a história, mais também aprendem a preservar os locais históricos. Contudo os museus têm sobre tudo uma grande importância para a formação do homem novo.

Porém, para Cravalho e Capolina (2022), ao analisarem as produções de Padró (2005), o museu pode contribuir para o combate à exclusão social e para a promoção da cidadania ativa através de atividades específicas para diferentes idades e grupos. Nessa lógica, o museu deve estar em condições adequadas para recepção de crianças com necessidades especiais, de modo que não haja exclusão, assim, o museu se torna um centro de debates críticos para o público em geral. Ora, o museu, ao contribuir para o combate à exclusão, permeia a vista dos idosos, pois estes também são uma biblioteca viva e a sua experiência pode ser útil para futuras gerações.

É importante que o espaço museológico seja acomodativo e de interesse comum que a sua exposição seja clara e lucida. Quando os curadores expõem seus objetos, devem se distanciar da cor, raça e até mesmo situação partidária, para que a sua finalidade tenha um caráter pedagógico. Assim, o museu, quando assume um caráter pedagógico, ensina as crianças a desenvolver o sentimento de pertença e de preservação dos patrimônios históricos.

Se por um lado, o conhecimento produzido sobre o papel educativo dos museus procurou se apoiar na base consolidada da educação como seu referencial, hoje, sem abandonar o saber adquirido ao longo de décadas, refletir sobre a dimensão educativa deste antigo espaço é se aproximar das fontes ligadas às ciências sociais que norteiam a museologia (Cazelli; Valente, 2019).

Esses autores procuram trazer uma abordagem científica dos museus, do ponto de vista informal, e, essa informalidade das coisas, condiciona a materialidade dos fatos. Ora, o museu tem uma particularidade pedagógica enorme ao introduzir um caráter científico nas crianças, através de uma reflexão profunda nos objetos. Cada objeto em exposição, tem um certo significado, que pode ser interpretado de várias formas, conforme o ângulo de descrição e de visão de cada visitante. Assim, o processo formativo no Museu ganha outra roupagem, as crianças saem da sala de aulas com conhecimentos científicos e já padronizados nos planos curriculares, já o museu, serve como ponto de equilíbrio entre aprendizagem formal e informal.

Nesse movimento de ampliação do papel educativo dos museus, apesar das ideias educacionais que passaram a conferir maior liberdade ao visitante, a concepção escolarizante surge como dominante e foi fortalecida ao longo do século XX (Cazelli; Valente, 2019).

Logo o museu como centro da educação informal, o seu papel educativo, não pode ser superior ao da educação obtida em uma sala de aula, porém, ambos os tipos de educação são importantes para a formação de homem novo, para o desenvolvimento de uma consciência crítica. Há um equilíbrio em ambas as formas de aprender, pois a aprendizagem formal obedece um certo padrão, normas curriculares com objetivo único, municiar as crianças de competências e habilidades de saber ler e escrever, assim o museu permeia atividades práticas e reflexivas

através da observação dos objetos. O mundo museológico é complexo, ora, a sua complexidade, resulta de objetos que retratam as movimentações culturais em épocas diferentes e em momentos desajustados. Cada exposição num museu, evidencia um certo momento, uma certa época e em simultâneo uma certa história. São esses fatos históricos que marcam a aprendizagem em museu, daí resulta o papel educativo do museu na formação das crianças, porém a aprendizagem visual caracteriza a linguagem usada em espaço museológico, cujo o seu teor não se baseia em diretrizes curriculares. Nesse sentido, tanto o museu quanto a educação são ferramentas importantes para uma efetiva democratização (Cazelli; Valente 2019).

Assim, a pedagogia do museu se torna um local, democrático na medida em que permite um debate crítico de ideias, ideias essas que são o reflexo de linguagem verbal em exposição. Assim, a consciência é sinal da interação entre o sujeito e o objeto, pois quanto mais esses dois elementos dialogarem reduzirá o desequilíbrio nas formas de aprendizagem. Aprender requer tempo, requer paciência e aceitação de buscar novos conhecimentos sistematizados. Ora a aceitação de existência de aprendizagem informal (museu), pressupõe o reconhecimento de espaços democráticos em museu.

Cazelli e Valente (2019), analisando as produções de Coimbra et al (2014), afirmam que nos museus a educação mobiliza os diferentes saberes presentes, notadamente, nas narrativas expositivas e atividades educativas elaboradas pelos seus diversos profissionais. Essas ações são compreendidas, não como definitivas na aprendizagem que ocorre nos museus, mas sim, como elementos mediadores na dinâmica dos processos cognitivos. São ambientes privilegiados na promoção de momentos socialmente partilhados de apropriação do conhecimento a partir de leituras, trocas de ideias e vivências de experiências. Dialogar ao mesmo tempo com múltiplas audiências, ampliar as representações sociais e culturais no seu espaço, é um movimento importante. Entender o aspecto excludente dos museus e compreender porque grande parte da população simplesmente não vê a visita como podendo fazer parte do repertório de sua prática cultural, é um desafio.

Para as autoras, dialogar em museu consiste em interpretar os objetos, pois esses objetos são parte integrante para o processo formativo das crianças, assim como do público em geral. Porém, a aprendizagem no museu não é sólida e nem é completa, ainda que os curadores expliquem cada significado dos objetos, mais é necessário que o museu sirva de ponte de equilíbrio entre os conhecimentos adquiridos na escola, pois vem sistematizados e enraizando em programas de ensino e ministeriais da educação. No entanto, os objetos caracterizam-se pela linguagem comumente muda e reflexiva. É de grande importância aprender de forma

descontraída no museu, as crianças aprendem brincando, observando apenas os objetos e em alguns casos recebendo de forma detalhada a explicação com os expositores. Alguns expositores não tem uma formação específica para lidar com as visitas e responder cada questionário. Mas, torna-se necessário que o expositor tenha um pouco de conhecimentos históricos relacionados com os objetos, neste contexto é importante e de certa medida pertinente os saberes sobre a política nacional de educação museal para a formação do homem.

Assim, para Cazelli e Valente (2019), em análise do IBRAM, (2018), a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), é definida um conjunto de princípios e diretrizes com o objetivo de nortear a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os espaços do museu e subsidiar a atuação dos educadores.

Cada objeto exposto, deve refletir um espaço educativo, que condiciona o fortalecimento de aprendizagem. Porém, para que o setor educativo dos museus tenha efetividade é importante considerar as diretrizes dessa Política o Eixo II - Profissionais, Formação e Pesquisa, que é constituído de uma série de itens, (Ibid). Nessa vertente, para as autoras é necessário fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação" e "promover o desenvolvimento e a difusão de pesquisas específicas por meio de agências de fomento científico, universidades e demais instituições da área", respectivamente (Ibid.)

É preciso que os curadores dos museus conheçam as políticas de formação museológica, para que de certa forma saibam interpretar os fenômenos em causa. O expositor não pode ser uma tabua rasa, para facilitar algum aprendizado no processo formativo das crianças. Ninguém deve estar isento da prática educativa, pois a educação é um processo complexo, sistemático que engloba vários fatores, desde a própria motivação. No entanto, todos visitantes devem se dirigir ao museu bem motivados e com convicções de alcançar o desejado. O museu como um local cultural de patrimônio histórico auxilia o ensino da história, dando um contributo na exposição.

Para Cazelli e Valente (2019), a educação em museus tem seu foco na formação dos sujeitos em interação com o que é apresentado nesses espaços, no sentido de engajá-los e comprometê-los com o processo histórico e cultural da sociedade.

É preciso reconhecer a importância do museu, mas também é preciso saber lidar e interpretar os objetos, para que a sua função educativa tenha mais valor. Porém, é preciso conhecer as políticas que norteiam um museu para poder de forma clara e lucida fazer um

acompanhamento aos visitantes e explicar a importância de cada objeto. Assim encerra-se o capítulo com uma visão e descrição ampla da contribuição do museu no processo formativo da criança.

3.2A função educativa-formativa do Museu de Maciene na leitura das crianças, professores e curadores

O levantamento e análise da produção científica sobre a função educativa-formativa dos museus, encontra a leitura e experiência da comunidade de Maciene, a partir da sua experiência com o Museu Aberto de Maciene.

A percepção da comunidade local foi levantada e organizada a partir da aplicação de dois modelos de questionário, um questionário fechado e outro aberto, para um conjunto de 10 crianças, 7 professores e 7 curadores. Os questionários contêm as mesmas perguntas para os três públicos indicados, podendo tanto desenvolver uma visão específica da leitura de cada público, quanto uma visão comparativa dos mesmos.

O primeiro público a responder o questionário foi o das crianças, que são alunos da escola local, conforme especificado na tabela 1.

Tabela 1: Perguntas fechadas para alunos/ crianças

Questionário	Categoria de Resposta		Total de inquéritos	%	
	Sim	Não		Sim	Não
1. Tem algum conhecimento sobre o Museu?	7	3	10	70	30
2. Alguma vez participou em uma exposição?	3	7	10	30	70
3. A ida ao Museu deve fazer parte dos planos curriculares?	10	0	10	100	0
4. O Museu contribui para conservação do patrimônio histórico?	6	4	10	60	40
5. É importante levar as crianças ao Museu, porque começam muito cedo a lidar com objetos.	10	0	10	100	0

6. No projeto educativo do museu devem existir cursos para orientar a montagem de exposição da própria escola.	10	0	10	100	0
7. O Museu, tem uma particularidade pedagógica enorme, ao introduzir um caráter científico nas crianças, através de uma reflexão profunda nos objetos	5	5	10	50	50

Fonte: Organizado pelo autor, junho de 2025

A análise da tabela indica que o Museu Aberto de Maciene é um espaço conhecido pelas crianças, 70% das crianças que responderam o questionário indicam conhecer o Museu. Considerando a perspectiva da presente pesquisa, que reconhece e afirma a importância educativa-formativa do Museu no processo de desenvolvimento das crianças, obviamente que o fato de 30% das crianças indicarem não conhecer o Museu deve figurar como um ponto de atenção para a comunidade educativa local.

Contudo, o processo de desenvolvimento da pesquisa, ou seja, o contato do pesquisador com a escola, nela, com as crianças, evidenciou certa euforia, no conjunto das crianças, pelo fato de se tratar do Museu como ambiente educativo, revelando a existência de espaço para um trabalho que envolva 100% das crianças.

A resposta sobre o conhecimento do Museu contrasta com a resposta sobre a participação das crianças em exposições no Museu. Aqui, os índices se invertem, indicando que apenas 30% das crianças já participaram de alguma exposição no Museu, restando 70% das crianças que ainda não tiveram a oportunidade de participar.

Esta constatação pode indicar que a relação com o Museu pode estar estruturada numa relação de espontaneidade, portanto, deslocado de intencionalidades formativas. Ao mesmo tempo que indica a existência de um universo de possibilidades educativas não exploradas pela escola local.

A pouca utilização e frequência das crianças no espaço do Museu pode tanto estar vinculada com as dificuldades decorrentes das condições de funcionamento da escola local, o que pode implicar em dificuldades quanto ao deslocamento e acompanhamento das crianças no Museu, quanto pode indicar dificuldades quanto a incorporação desta prática nos programas curriculares da escola.

Considera-se, a partir da pesquisa, que a organização de exposições no Museu responde, por si só, como por um conjunto de intencionalidades formativas, que podem ser

amplamente usadas e exploradas pedagogicamente pela escola local. Intencionalidade pedagógica que pode ser pontencializada pelos professores complementando informações e interpretações vinculadas ao seu programa de trabalho com as crianças.

Destaca-se, nesse sentido, que 100% das crianças indicam pela importância de que a visitação ao Museu Aberto de Maciene deve constatar no programa curricular da escola. Ou seja, até o momento se constata que 70% das crianças conhecem o Museu, apenas 30% já participaram de alguma exposição no Museu, mas 100% consideram importante a visita ao Museu estar vinculada ao programa curricular. Esse cenário, mais do que acentuar dificuldades, aponta para um contexto de amplas possibilidades educativas no uso do Museu Aberto de Maciene, na sua relação com a escola local.

As dificuldades e ou resistência quanto a ampla utilização do Museu como espaço educativo-formativo pode ser o fator que caracteriza o olhar das crianças quando perguntadas sobre o reconhecimento da importância do Museu para a conservação do Patrimônio Histórico, já que 60% das crianças indicam reconhecer esta importância e 40% indicam não reconhecer. Essa constatação parece reafirmar a relação espontânea das crianças com o Museu, conforme já indicado acima, demandando um maior cuidado político-pedagógico nessa relação.

É possível indicar que a função educativa-formativa da relação da escola local com o Museu está em processo de construção, mas demanda ações mais intencionais e menos espontâneas, para que este processo se amplie e se consolide.

Inclusive, esta intencionalidade pedagógica pode ser amplamente utilizada ao aproveitar a própria disposição e interesse das crianças em ser levada ao Museu e em relacionar com os objetos lá dispostos, uma vez que 100% das crianças reconhecem a importância deste contato, ainda que não reconheçam que esses objetos representam o passado daquela comunidade.

Assim, a visita ao Museu e a descoberta pedagógica de que os objetos ali dispostos reportam à própria história da comunidade pode conferir uma característica orgânica, viva, concreta para o processo de aprendizagem, promovendo uma relação de afetação positiva para seu desenvolvimento e fomento da curiosidade pedagógica.

A própria questão sobre a possibilidade de organizar orientações sobre a montagem de exposição na escola, a partir da iniciativa do Museu, aflora o imaginário das crianças e 100% delas reconhecem isso como importante. Destaca-se, que isso pode promover uma interação brincante no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, caracterizando o eixo pedagógico fundante do processo de desenvolvimento da criança.

O questionário aplicado com as crianças parece lançar mais luzes para as possibilidades educativas do Museu do que para as limitações. As próprias dificuldades em reconhecer a contribuição educativa-formativa do Museu, quando aparece na entrevista, parecem indicar campos de possibilidades. Ou seja, há um visível interesse sobre o Museu, mas ainda pouco orientado para ações educativo-formativas.

Esta constatação fica bem característica, por exemplo, quando da última pergunta feita às crianças, indagando se elas reconhecem a função pedagógica dos objetos dispostos no Museu. Elas se dividem na resposta com 50% indicando reconhecer e 50% indicando não reconhecer. Nas 50% que não reconhece podem estar referendadas o montante de crianças que indicaram ainda não ter a oportunidade de participar de exposições no Museu, portanto, indica um campo de possibilidades, não necessariamente de dificuldades.

As mesmas perguntas fechadas foram aplicadas com os professores que trabalham nesta escola local, produzindo a caracterização indicada na tabela 2:

Tabela 2: Perguntas fechadas para professores (a)

Questionário	Categoria de Resposta		Total de inquéritos	%	
	Sim	Não		Sim	Não
1. Tem algum conhecimento sobre o Museu?	14	0	14	100	0
2. Alguma vez participou em uma exposição?	10	4	14	71	29
3. A ida ao Museu deve fazer parte dos planos curriculares?	13	1	14	93	7
4. O Museu contribui para conservação do patrimônio histórico?	14	0	14	100	0
5. É importante levar as crianças ao Museu, porque começam muito cedo a lidar com objetos.	14	0	14	100	0
6. No projeto educativo do museu devem existir cursos para orientar a montagem de exposição da própria escola.	14	0	14	100	0
7. O Museu, tem uma particularidade pedagógica enorme, ao introduzir um	11	3	14	79	21

caráter científico nas crianças, através de uma reflexão profunda nos objetos					
---	--	--	--	--	--

Fonte: Organizado pelo autor, junho de 2025

O padrão de resposta entre os professores, sobre o fato de conhecer ou não o espaço do Museu, acompanha o padrão de resposta já indica pelas crianças, embora entre os professores 100% indicam conhecer. Uma constatação um tanto óbvia uma vez que seria estranho uma pessoa adulta, membro desta comunidade, não conhecer e ou saber da existência do Museu Aberto de Maciente, construído na própria comunidade.

Contudo, é possível observar que entre os professores, 29 % deles indicam que ainda não participaram de alguma exposição organizada pelo Museu, com 71% deles indicando já ter participado. Essa caracterização das respostas vai materializando uma certa correlação, guardada as proporcionalidades, entre as crianças e os professores, quanto a experiência com o Museu Aberto de Maciene. Inclusive, já se pode indicar o reconhecimento de espaços de possibilidades para o desenvolvimento de experiência formativas com o Museu, uma vez que parte dos professores indicam não ter essas experiências.

A afirmação de que parece estranho professores indicar nunca ter participado de nenhuma exposição no Museu figura pertinente, contudo, estamos optando por olhar para esta constatação pela perspectiva das possibilidades, reconhecendo a existência de espaços para a ampliação dessas experiências.

No ambiente escolar, portanto, no processo da educação escolar, o professor é o sujeito da intencionalidade político-pedagógica, responsável pela gestão do plano curricular, consequentemente, do itinerário formativo das crianças. Suas opções e escolas pedagógicas carregam grande força educativo-formativa, portanto, mais consistente será quanto mais estratégias e ferramentas dispor. Contudo, ao serem indagados quanto à importância da visita ao Museu como estratégias curricular, 7% deles ainda não reconhecem esta estratégia como importante, contrastando com 93% que a reconhecem importante.

Figura visível a abertura do conjunto dos professores à função curricular-educativa-formativa do Museu, mas também figura visível a necessidade de ampliação do debate pedagógico entre os professores sobre esta função, inclusive, como estratégia para aprimorar esta função educativa-formativa.

É pertinente observar que 100% dos professores reconhecem que o Museu contribui para a valorização do Patrimônio Histórico, mas 29% destes mesmo professores nunca participaram de uma exposição no Museu e 7% deles não compreender ser importante sua

incorporação no plano curricular. Essas caracterizações e possíveis contrastes, para além de ser compreendida como impossibilidades para a exploração da função educativa-formativa do Museu Aberto de Maciene, figura como possibilidades. Convém ampliar o debate e o estudo sobre a relação entre o Museu e a escola local.

A indagação sobre a importância de levar as crianças para o Museu é indicada positivamente por 100% dos professores, ou seja, mesmo aqueles professores que nunca participaram de uma exposição no Museu ou que não reconhecem a importância das ações do Museu compor o plano curricular da escola avaliam positivamente a frequência das crianças ao Museu. Novamente, convém reconhecer isso como um campo de possibilidades, mas, também, atentar para que os professores não reafirmem estratégias meramente espontâneas de visita ao Museu.

O cuidado com a reafirmação de estratégias espontâneas é importante, aqui, pelo fato de que a pesquisa está buscando compreender a função educativa-formativa do Museu com o processo escolar de educação. E o processo escolar de educação não se dá de forma espontânea mas exige intencionalidade pedagógica.

Isso figura central, especialmente, porque na última pergunta feita aos professores, volta o debate sobre a função pedagógica do Museu, portanto, sua contribuição para com o processo formativo na escola local, já que 21% dos professores indicam não acreditar na função pedagógica do Museu, contrastando com 79 % que acreditam.

A função educativa-formativa do Museu figura sim como possível, mas não anula o estudo e amplo debate da sua relação com a escola local, inclusive, para que esta relação seja compartilhada entre o Museu e a escola local, evitando o risco de que o reconhecimento unânime dos professores de que o Museu deva ofertar formação sobre ações e projetos museológicos não se transforme numa mera transferência de responsabilidade pedagógica para um dos polos da relação, neste caso, para o Museu.

Por fim, figura pertinente observar as respostas fornecidas pelos curadores a partir das mesmas perguntas, conforme indicado na tabela 3:

Tabela 3: Perguntas fechadas para os curadores de Museu

Questionário	Categoria de Resposta		Total de inquéritos	%	
	Sim	Não		Sim	Não

1. Tem algum conhecimento sobre o Museu?	7	0	7	100	0
2. Alguma vez participou em uma exposição?	7	0	7	100	0
3. A ida ao Museu deve fazer parte dos planos curriculares?	5	2	7	71	29
4. O Museu contribui para conservação do patrimônio histórico?	7	0	7	100	0
5. É importante levar as crianças ao Museu, porque começam muito cedo a lidar com objetos.	7	0	7	100	0
6. No projeto educativo do museu devem existir cursos para orientar a montagem de exposição da própria escola.	5	2	7	71	29
7. O Museu, tem uma particularidade pedagógica enorme, ao introduzir um caráter científico nas crianças, através de uma reflexão profunda nos objetos	5	2	7	71	29

Fonte: Organizado pelo autor, junho de 2025

As questões referentes ao conhecimento do Museu Aberto de Maciene e a participação em exposições organizadas pelo Museu, por obvio, figuram como indagações feita para garantir a formalidade do instrumental proposto, já que por serem trabalhadores vinculados ao Museu as respostas são 100% positivas.

O que aparece como pertinente nas respostas dadas pelos curadores são aquelas vinculadas a inclusão das ações do Museu no plano curricular da escola; da organização de cursos para montagem de exposições na própria escola; e da função pedagógica dos objetos do Museu na educação escolar.

Para essas três questões tem um total de 29% dos curadores que são contrários, contrastando com 71% favoráveis. Isso indica que os cuidados, estudos e debates sobre a relação pedagógica-educativa-formativa entre ao Museu e a escola local, conforme já indicado acima, figuram necessário mesmo aos curadores do Museu. Os próprios curadores parecem apostar numa interação espontânea e ou uma ação museológica deslocada de sua função educativa.

As perguntas fechadas, aplicadas com as crianças, professores e curadores, foram complementadas com um conjunto de perguntas abertas, aplicadas com cinco crianças (Criança A, B, C, D, E), cinco professores (Professor A, B, C, D, E) e um curador (Curador A). As questões abertas versam sobre: o projeto Museu vai à escola; a importância do projeto para o Museu; a importância do projeto para o desenvolvimento dos alunos; a relação entre metodologia e compreensão dos objetos do Museu; atividades realizadas no Museu; o interesse das crianças pelas atividades; a relação do Museu com a escola; atividades dos professores e a visita ao Museu; o envolvimento das crianças com as exposições do Museu.

A participação das crianças na pesquisa organizada a partir de questionário com perguntas abertas se efetivou com um considerável nível de dificuldade, já que das 40 crianças que compõem a turma com a qual o pesquisador trabalhou, obteve-se retorno de 5 questionários. As razões indicadas para a não participação ou pela desistência após ter iniciado a participação na pesquisa são variadas e vinculadas às demandas do dia-a-dia das crianças.

Podem ser indicadas algumas justificativas para as dificuldades enfrentadas durante a aplicação dos instrumentos de pesquisa, entre as quais se destacam: a localização geográfica de Maciene, que implica em limitações no acesso aos meios de comunicação; a preferência ou necessidade, por parte de algumas crianças, de acompanhar o rebanho bovino nas pastagens em detrimento da frequência escolar; a presença de situações de insegurança alimentar no ambiente familiar, que compromete a disponibilidade de tempo e concentração para o cumprimento das atividades propostas; além da percepção, por parte dos participantes, de que as questões apresentadas eram complexas ou de difícil compreensão.

Contudo, entre as cinco crianças que responderam o questionário é possível encontrar indicativos de como compreendem a relação do Museu Aberto de Maciene com a escola local, conseqüentemente, sua contribuição no processo educativo-formativo. Para as questões envolvendo o projeto Museu vai à escola, sua importância e efeito cultural é possível identificar diferentes interpretações e possíveis dificuldades de compreensão da finalidade do projeto.

Essa constatação se dá pelo fato de que a Criança A se reporta ao projeto como possibilidade de acesso a brinquedos e brincadeiras. “O Museu é um lugar onde tem brinquedos da escola, por isso devemos ir lá pra brincar com os brinquedos”. Já a Criança B indica uma compreensão do projeto como possibilidade de conhecer o Museu ao afirmar que “este tipo de projeto ajuda a desenvolver a cultura nos alunos, isso porque as crianças conhecem os objetos que fazem parte do passado”. A Criança C, por sua vez, já reconhece a natureza e função do projeto ao afirmar que “o projeto Museu vai à escola é um projeto que os funcionários do Museu vão até as escolas de modo a aferir o real conhecimento que os alunos têm sobre o Museu”.

No seu conjunto, é possível perceber que as respostas das crianças sobre a importância e efeitos do projeto Museu vai à escola, retomam os desafios já indicados quando da análise das perguntas fechadas, ou seja, as ações e projetos desenvolvidos numa perspectiva relacional do Museu e a escola apresentam fragilidades quanto ao planejamento intencional pedagógico, metodológico, curricular. As intencionalidades educativo-formativas dessa relação parecem frágeis, abrindo espaço e possibilidade para um melhor planejamento dessas ações.

Ao serem indagadas sobre a metodologia utilizadas no Museu e as atividades que podem ser realizadas no espaço as crianças parecem não alcançar uma compreensão propriamente formativa, mas permanecem numa compreensão que tem relação direta com seu interesse espontâneo em relação ao Museu. Assim, a Criança A prontamente indica que “no Museu os professores explicam tudo sobre os brinquedos”, ainda, “no Museu podemos brincar”. Embora elabore melhor a resposta, a Criança B complementa esta expectativa ao informar que “eu gosto de apreciar os objetos e passear no Museu e brincar com meus amigos e colegas”. É a mesma lógica de argumentação apresentada pela Criança C, “no Museu toca-se música e brinca-se” e “eu gosto de ver músicos a tocarem música”.

Contudo, na resposta das crianças sobre a metodologia e as atividades no Museu também é possível encontrar elementos de compreensão que se aproximam da função educativa-formativa do Museu. A Criança C identifica o uso, pelo Museu, de “uma metodologia que compreende a linguagem visual”, a Criança B fala em “metodologia de livre comunicação, onde as crianças circulam no Museu e vão fazendo o seu questionamento, consoante aos objetos” e a Criança C menciona que “as atividades realizadas no Museu são exposição dos objetos e de pesquisa”.

Nesse sentido, destaca-se a resposta da Criança E, pelo seu teor de elaboração, reconhecendo a existência de:

Explicações detalhadas sobre os objetos e sua importância histórica ou cultural. Atividades que permitem aos alunos interagir com os materiais e objetos expostos. Exposições que permitem aos visitantes tocar e manipular objetos, tornando a aprendizagem mais tangível. Materiais educativos que fornecem informações adicionais sobre os objetos expostos.

As respostas das crianças parecem unânimes quanto às possibilidades de uso e desenvolvimento do Museu na perspectiva educativa. Há uma evidente correlação entre as relações espontâneas e as relações com uma maior carga intencional político-pedagógica, contudo, as próprias crianças dão sinais de que a intencionalidade pedagógica alimenta a função educativa-formativa da relação do Museu com a escola local.

À pergunta que busca compreender a importância da relação entre o Museu e a escola é possível indicar um padrão similar ao que já foi indicado nas questões anteriores, ou seja, é possível indicar uma tensão entre a compreensão mais espontânea e a compreensão mais pedagógica desta relação, uma vez que migra entre “sair da escola para ir ao Museu brincar” (Criança A), “estabelecer uma parceria com a escola” (Criança B), “o Museu ajuda a fortalecer os conhecimentos adquiridos na escola” (Criança C), até a compreensão de que “promove a educação: ajuda a complementar o currículo escolar com experiências educativas práticas” (Criança E).

Por fim, as indagações que buscam identificar o planejamento proposto pelos professores na relação da escola com o Museu e a indicação de estratégias para melhorar essa relação, consolidam a hipótese trabalhada na pesquisa da função educativa-formativa do Museu e das amplas possibilidades que se apresentam ao processo educacional na escola local.

A Criança B reconhece o planejamento dos professores ao informar que “existe uma atividade que o professor faz, que é explicar a importância de se ir ao Museu para as crianças e os objetos por lá existentes”, bem como indica que os professores podem aprofundar esta estratégia “para as crianças irem para lá e saber o real impacto dessa visita”. Um padrão de resposta que se repete com a Criança C ao indicar que “antes de se ir ao Museu, o professor explica a importância do Museu para os alunos”, bem como indica o desenvolvimento de “atividades que podem ser usadas para garantir um envolvimento ativo e interesse pela exposição é o estímulo que o professor vai dar aos alunos, motivando e falando bem do Museu”.

Esse mesmo questionário, com perguntas abertas, quando aplicado com os professores possibilitou a ampliação da análise, uma vez que os professores indicam ter melhor conhecimento sobre a função educativa do Museu. Respondendo a primeira indagação, o professor A indica que “o projeto Museu vai à escola é uma iniciativa educativa que leva o acervo e os conhecimentos do Museu diretamente às escolas”. Acrescenta ainda que “Ele visa tornar o Museu mais acessível a alunos que, por diferentes razões, não podem visitar fisicamente o espaço museológico”. Padrão de resposta aplicado, também, pelo professor B, ao responder que, “o projeto Museu vai à escola, visa levar a cultura e o conhecimento científico do Museu diretamente para os alunos, promovendo uma educação mais interativa e acessível”. Experiência compartilhada pelo professor C, “o projeto Museu vai à escola é uma iniciativa que leva a experiência museológica para dentro das escolas, proporcionando aos alunos uma oportunidade de aprender de forma interativa e divertida”. A visão é a mesma com o professor D, “é um projeto que leva exposições e atividades educativas do Museu diretamente às escolas. Para o professor E, “é um projeto inovador que busca responder as dificuldades de tempo e

disponibilidade para levar as crianças ao museu e fá-lo atribuindo-se a si a responsabilidade de visitar escolas como forma de manter a conexão cultural e histórica com os alunos". Portanto, nota-se que os professores têm um planejamento adequando relativamente no que se refere levar as crianças ao Museu, o que indica um conhecimento sobre o Museu e a necessidade de ser plasmado nos currículos locais.

Há uma similaridade nas respostas, pois os professores demonstram de certa forma, ter algum conhecimento sobre a necessidade de aproximar o Museu a escola, justamente por desenvolverem uma relação pedagógica extremamente forte.

Questionados sobre a importância desse projeto para o Museu, o professor A, respondeu nos seguintes moldes, esse projeto é importante porque, "amplia o alcance do Museu, levando conhecimento a mais pessoas". Acrescenta ainda que "fortalece o papel educativo do Museu, indo além de seu espaço físico". Padrão de resposta aplicado pelo professor B, ao responder que esse projeto é importante para o Museu porque "amplia seu alcance, permitindo que mais pessoas conheçam suas exposições e atividades, além de promover a educação cultural e científica nas comunidades". O professor C, parece ter mais conhecimento sobre a questão, acrescentando mais argumentos, ao responder que, o projeto Museu vai à escola "é importante para o Museu porque permite que o Museu seja mais acessível e inclusivo, alcançando um público mais amplo e diversificado", além disso, "o projeto ajuda a promover a missão do Museu de educar e inspirar a comunidade". Porém, consideramos a resposta do professor D, mais coesa e rica ao envolver a questão patrimônio, ora, o seu posicionamento cinge-se no seguinte, "é importante para o Museu porque promove a interação com o patrimônio cultural e histórico, oferecendo alternativas didática aos alunos, em particular em tempos de restrições de visitas de estudos aos Museus, enriquecendo desta forma o currículo escolar". O professor E, traz o conceito de memórias, um termo muito importante para o estudo dos museus, ao responder nos seguintes termos, "porque mantém vivas as memórias histórico-culturais reforçando assim a identidade e sentimento de pertença". É possível constatar que os professores estão abalizados no tema em discussão, pois a cada resposta que fornecida, fica visível que cada professor acrescentava mais elementos na sua resposta como forma de tornar mais convincente.

Os professores mostraram maior domínio sobre a temática, cada um trouxe respostas mais detalhadas relativamente ao outro. Mas também os professores mostraram a contribuição do Museu nos processos pedagógicos e, acima tudo, a necessidade de introdução do Museu nos planos curriculares.

À pergunta que visa a forma como o projeto ajuda a desenvolver cultura científica nos alunos, o professor A, respondeu nos seguintes termos, "aproxima os alunos da ciência e da história, de forma prática e visual".

Já professor B, partilha a ideia de que, "ele ajuda a desenvolver a cultura científica ao proporcionar experiências práticas e interativas, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico dos alunos sobre os temas abordados". Resposta partilhada pelo professor D, "ele ajuda a desenvolver a cultura científica ao proporcionar experiências práticas e interativas, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico dos alunos sobre os temas abordados". Porém, o professor C tem outro entendimento à indagação, "visa em proporcionar experiências práticas e interativas que permitem aos alunos aprender de forma mais eficaz; fomentar a curiosidade e o interesse pela ciência e pela história". O professor E, por sua vez, considera que é "partilhando experiências sobre os vários fenômenos que o Museu carrega consigo e usando uma variedade de estratégias de comunicação que instigam a curiosidade e busca constante do saber".

Portanto, para os professores é evidente que para o Museu desenvolver uma cultura científica é necessário um planejamento das atividades a serem desenvolvidas pelo Museu. Em seguida figura importante que estas atividades estejam vinculadas ao processo pedagógico.

Relativamente à indagação sobre as metodologias usadas no Museu, foi possível notar uma compreensão mais pedagógica. O professor A respondeu nos seguintes termos, "os Museus utilizam várias metodologias educativas, como: aprendizagem baseada na experiência, contato direto com objetos reais ou réplicas, histórias e narração (storytelling)", indicando estar vinculado à ideia de que contar a história dos objetos cria uma ligação emocional e que jogos educativos e desafios incentivam a participação ativa e divertida.

Assim, para o professor B, "o Museu utiliza metodologias como oficinas práticas, visitas guiadas interativas, exposições temáticas e atividades lúdicas que ajudam os alunos a entender melhor os objetos e seu contexto histórico ou científico". Para o professor C, "o Museu usa uma variedade de metodologias para facilitar a compreensão dos objetos, incluindo: exposições interativas e imersivas; Painéis explicativos e legendas e visitas guiadas". O professor D, por sua vez, no que se refere a indagação, respondeu que a partir da "metodologia de aprendizagem por descoberta, os alunos exploraram o Museu e forma autônoma".

As respostas dadas pelos professores demonstram, de forma clara, o conhecimento que tem sobre o uso de metodologias adequadas para facilitar a compreensão dos alunos. Sem o uso apropriado das metodologias a aprendizagem pode ser estática e por vezes cansativa, mas também a falta de metodologias apropriadas pode desperdiçar interesse nos alunos. Por isso que

todos entrevistados realçam a necessidade do Museu usar metodologias adequadas para facilitar a compreensão dos objetos.

À indagação sobre as atividades realizadas no Museu, os professores mostraram ter maior compreensão sobre a temática, inserindo as atividades nos processos pedagógicos, pois todas atividades devem ser educativas. O professor A respondeu que "durante uma visita ao Museu podem ser realizadas atividades como visita guiada com explicações sobre os objetos, oficinas de arte, arqueologia, ciências ou história, jogos de perguntas e respostas ou caças ao tesouro". Para o professor B, "durante a visita, podem ser realizadas atividades como oficinas de arte". O professor C, respondeu nos seguintes moldes, "durante a visita ao Museu, os alunos podem participar de diversas atividades, como, visitas guiadas; Workshops e atividades práticas; Jogos e desafios; Observação de objetos e exposições". O professor D respondeu indicando que a "observação das exposições, pintura, desenho, escultura, atividades educativas como oficinas e palestras, visitas guiadas, jogos educacionais, discussão e troca de ideias sobre o que for observado e aprendido". O Professor E, por sua vez, respondeu de forma breve, "Palestras, exposições, atividades educativas"

As respostas fornecidas para as indagações são muito similares, notava-se de forma clara que os professores têm a mesma percepção sobre as atividades realizadas no Museu, e a importância destas atividades para o processo de ensino e aprendizagem. As atividades que o Museu realiza devem estar ligadas ao desenvolvimento pedagógico das crianças e do público em geral. As atividades de canto e de poesia devem contribuir, em certa medida, para o fortalecimento do desenvolvimento cognitivo da criança.

Sobre a indagação das atividades que as crianças gostam mais, há um padrão similar de respostas, essa constatação se dá pelo fato de o professor A, responder que "as crianças geralmente preferem, oficinas práticas onde podem tocar e criar coisas, jogos e desafios interativos, dramatizações ou atividades lúdicas". A resposta partilhada pelo professor B, não fugiu muito do padrão de resposta do professor A, "as crianças geralmente gostam mais das oficinas práticas e das atividades lúdicas, pois permitem que elas interajam diretamente com os conteúdos de forma divertida". Para o professor C, "as crianças gostam de visitas guiadas com elementos interativos, jogos e desafios". Por sua vez, para o professor D, "as crianças gostam da pintura, desenho escultural, tocar nos objetos, visitas guiadas e troca de ideias". A resposta do professor E, novamente, foi curta e sintética, "palestras, exposições, atividades educativas".

Em todas as respostas, os professores mostram que as crianças gostam muito do jogo, na mesma permissão, o jogo pode ser classificado em várias facetas, que compõem as atividades realizadas pelo Museu.

À indagação sobre a relação entre o Museu e Escola, permite partilhar conhecimentos, que tanto o Museu, como a escola, são muito importantes no componente pedagógico, para o professor A, "enriquece o currículo escolar com experiências práticas, aproxima os alunos da cultura, ciência e património nacional, estimula o interesse pela aprendizagem fora da sala de aula". A resposta partilhada pelo professor B, permitiu compreender que no Museu e na escola, ocorre troca de experiência, de modo a desenvolver um certo aprendizado, "a relação entre o Museu e as escolas é importante porque promove uma troca de conhecimento, possibilita que os alunos tenham acesso a recursos educacionais diversificados e fortalece o papel do Museu como um espaço educativo na comunidade". Para o professor C, "a relação entre o Museu e as escolas é importante porque permite promover a educação e a cultura nos alunos, estabelecer parcerias e colaborações, ampliar o alcance do Museu e levar a experiência museológica para um público mais amplo". O professor D, "desenvolvimento educacional e de habilidades, aprendizagem ativa e interativa, promover o acesso à cultura, conscientização sobre a impede preservação do património". O professor E se mantém com respostas curtas e sintéticas, "cultiva e fortalece a identidade e ampliam o património cultural fortalecendo o sentido de pertença".

O Museu e a escola, tem uma relação recíproca, pois na escola a aprendizagem é formal e baseado em programas curriculares, e, no Museu, a aprendizagem é informal, não estando plasmadas nos planos curriculares, e que também as crianças aprendem através dos objetos. Porém, no Museu aprende-se de forma prática tudo o que se apreendeu na sala de aula, efetivamente, porque a aprendizagem é além da sala de aulas.

À indagação sobre as atividades antecipadas por parte do professor antes da visita ao Museu, indica-se pela existência de uma preparação antecipada para que as crianças se dirijam ao Museu com um certo conhecimento. Para o professor A, "geralmente o professor realiza atividades de preparação, como explicar o tema da visita, discussões ou pesquisas prévias sobre o assunto a ser explorado". Esta resposta é partilhada pelo mesmo grau de entendimento pelo professor B, "muitas vezes os professores realizam atividades preparatórias em sala de aula para introduzir os temas que serão explorados na visita ao Museu, preparando assim os alunos para uma experiência mais rica". Para o professor C, "é comum que os professores preparem os alunos antes da visita, discutindo temas relacionados à exposição e fornecendo informações sobre o que esperar durante a visita". Posicionamento partilhado pelo Professor D, "o professor pode explicar aos alunos como se comportar em um museu, a importância de respeitar as obras e o ambiente e como aproveitar ao máximo a experiência". O professor E, não respondeu, deixando o questionário em branco.

Os professores mantêm a mesma compreensão, sobre a necessidade de preparar os alunos, explicando com detalhes a importância da ida ao Museu, e as atividades que são realizadas no Museu, para que esta visita não se torne algo novo. As crianças devem ser preparadas com antecedência, dando exemplo de alguns objetos que podem ser encontrados no Museu. Esta atividade auxilia a componente pedagógica e é de extrema importância para o interesse das crianças.

Quanto a indagação, sobre as estratégias a serem usadas para garantir que as crianças mantem envolvimento ativo e interesse pela exposição, foi possível constatar que os professores não fugiram do mesmo padrão de respostas, para o professor A, "Usar linguagem simples e acessível, propor perguntas estimulantes durante a visita, permitir interação com objetos ou réplicas, utilizar histórias e curiosidades para atrair a atenção, dividir a turma em pequenos grupos para atividades participativas".

O professor B, responde pelo mesmo padrão de resposta do professor A, "algumas estratégias incluem o uso de jogos interativos, desafios em grupo durante a visita, perguntas instigantes feitas pelos guias ou educadores do Museu e momentos de discussão após as atividades para refletir sobre as experiências vividas". O professor C, respondeu, "utilizar linguagem simples e acessível para explicar conceitos complexos, criar espaço para perguntas e discussões, incentivar a participação ativa e a criatividade das crianças". O professor D, deu uma resposta sintética, "sensibilizar as crianças a gostarem dos Museus". Porém, o professor E, não respondeu a indagação, deixando em branco.

Pelo seu conjunto de resposta, foi possível entender que todos os professores se aliam à ideia de haver uma linguagem acessível que agrega a todos e acima de tudo estimula os participantes. A linguagem dentro do Museu não pode ser codificada, os objetos devem ser de acesso livre, as atividades programadas devem ser de caráter pedagógico.

Esse mesmo questionário, com perguntas abertas foi aplicado aos curadores. Apenas um curador devolveu o questionário respondido. Contudo, a indagação sobre o projeto Museu vai à escola, o curador A, respondeu nesses termos:

O projeto Museu vai à escola tem como objetivo aproximar o museu da comunidade escolar, levando parte de seu acervo, exposições itinerantes e atividades interativas diretamente para o ambiente escolar. Isso permite que alunos que, por diversos motivos, não conseguem visitar o museu presencialmente, tenham acesso ao conhecimento histórico, cultural e científico que ele oferece.

Entende-se que o curador A tem informações detalhadas no que tange ao projeto Museu vai à escola, pois as escolas devem criar condições de levar as crianças a se familiarizar, precocemente, com os objetos.

Quanto à indagação sobre a importância do projeto para o Museu, o curador A estabelece a vertente pedagógica, "fortalece o papel social e educativo do Museu, ampliando seu alcance e tornando-o mais acessível". Acrescenta ainda que, "ao ir até a escola, o Museu cumpre sua função de democratizar o conhecimento, estimular a curiosidade e despertar nos estudantes o interesse por temas culturais e científicos". Nessa perspectiva, o curador A, considera que o projeto ajuda a desenvolver cultura científica nos alunos, nos seguintes moldes:

Ao levar exposições e oficinas interativas até a escola, o projeto estimula a observação, o questionamento e a experimentação, habilidades essenciais no pensamento científico. Além disso, os conteúdos apresentados ajudam os alunos a compreenderem a ciência como parte da sua realidade cotidiana, incentivando a construção de saberes de forma contextualizada e participativa.

A ida ao Museu, ajuda as crianças a desenvolver cultura crítica e reflexiva, pois quanto mais as crianças tiverem contato com os objetos, mais desenvolvem a curiosidade sobre a origem dos objetos e a sua importância para a comunidade. Esse cenário poderá criar impacto no desenvolvimento pedagógico das crianças, pois as crianças se tornam curiosas e ousadas.

Para a indagação, que tipo de metodologia podem ser usadas para facilitar a compreensão dos objetos, o curador A, respondeu:

Utilizamos metodologias ativas, como a mediação dialogada, oficinas práticas, dramatizações, uso de maquetes, realidade aumentada e materiais interativos. O objetivo é fazer com que o visitante, especialmente os alunos, possa interagir com os objetos, relacionando-os com o seu próprio cotidiano e despertando um aprendizado mais significativo.

Porém, a elaboração conjunta é muito usada na medida que as crianças fazem questionamentos sobre os objetos e os curadores respondem as perguntas colocadas pelas crianças. Este tipo de metodologia ajuda a compreensão dos objetos e facilita com que as crianças tenham uma certa ligação com o passado. O Museu, como um lugar que guarda as memórias, deve criar condições de metodologias ativas para que o visitante se torne mais atrativo com a exposição.

No que se refere a indagação sobre as atividades que podem ser realizadas no Museu durante uma visita, o curador A respondeu na mesma proporção pedagógica, "durante a visita, os alunos podem participar de visitas mediadas com explicações sobre o acervo, oficinas educativas e científicas". O padrão de respostas alinha-se a vertente pedagógica, atinente as

atividades que o Museu realiza, tendo em vista a sua adequação no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto a indagação sobre as atividades que as crianças gostam mais, o curador A respondeu que “as crianças geralmente gostam mais das oficinas práticas, da contação de histórias e dos jogos educativos, pois são momentos em que elas podem interagir, se expressar e explorar os temas de forma divertida e participativa”. É notório a influência pedagógica que este jogo tem para as crianças, pois de certa forma, estas atividades auxiliam a aprendizagem além da sala de aulas.

À indagação sobre a importância de o Museu estabelecer uma relação com as escolas, o curador A, respondeu:

A relação entre museu e escola é fundamental para fortalecer o processo educativo. O museu complementa e enriquece o currículo escolar, oferecendo vivências concretas e experiências sensoriais que promovem o aprendizado interdisciplinar. Além disso, essa parceria contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes e culturalmente engajados.

Mutuamente, esses dois termos, tem uma relação que ajuda a fortalecer o aprendizado das crianças, ora, o papel da escola é ensinar as crianças sobre o Museu, explicar a sua importância e gênese para os habitantes daquela comunidade. Mais também o Museu agrega as memórias dos seus habitantes. Nesta permissão de raciocínio, as crianças vão ao Museu já com um dossiê de conhecimentos sobre o Museu, porém, a ida ao Museu é para tornar em prática o que foi estudo em teoria na sala de aulas.

À indagação sobre a existência de uma atividade antecipada por parte do professor antes da visita ao Museu, o curador A, foi categórico, " Sim, é altamente recomendável. Muitos Museus disponibilizam materiais preparatórios (como guias pedagógicos ou sugestões de atividades) para que o professor trabalhe os temas da exposição antes da visita".

Quanto à indicação sobre as estratégias que podem ser usadas para garantir que as crianças mantenham um envolvimento ativo e interesse pela exposição, o curador A indicou, “Propostas interativas (manusear objetos, simulações), utilização de linguagem acessível e lúdica, participação ativa dos alunos por meio de perguntas e desafios”.

Não obstante, a análise e indicação do olhar dos estudantes, professores e curadores, compreende-se, ainda, oportuno indicar, em forma de sugestões, algumas impressões do pesquisador sobre o Museu, sua condição estrutural e função educativa.

Em caráter de sugestões, é importante que os curadores do Museu, realizem mais atividades de exposição com vista a dinamizar o seu público. O Museu deve procurar parcerias

de modo a ter corrente elétrica para facilitar que haja exposição noturna. Isto pode ajudar aqueles que durante o dia não tem tido tempo para ir ao local, por vários motivos.

Deve-se contratar mais curadores para trabalharem no Museu para facilitar que nos sábados e domingos, as portas do Museu abram.

Quando as visitas forem de crianças que vem da escola e acompanhadas dos seus professores, o Museu deve focar-se mais em atividades que tem um caráter pedagógico, para permitir que as crianças desenvolvam algo tipo de conhecimento.

O Museu precisa melhorar a sua infraestrutura, se possível aumentar a dimensão da sala isso para permitir uma livre circulação, por parte dos visitantes, ou seja, para que no corredor passem mais de 5 pessoas em simultâneo, isso poderá dinamizar a circulação.

O Museu deve aumentar o número dos sanitários, para que reduza o nível de espera dos visitantes. O Museu só tem um sanitário, onde as mulheres e homens partilham o mesmo e a fila de espera é longa.

É preciso que os curadores reforcem a higienização do Museu, pois os objetos são tocados por muitos visitantes.

Devem criar parcerias com o ministério da saúde, de modo a ter apoio de máscaras e luvas para distribuir aos participantes, em especial as crianças.

O Museu deve reforçar o número de guardas para permitir maior vigilância e controle sobre os bens patrimoniais ali existente. A história do Museu não deve ser apenas contada nos objetos é preciso que se incentive mais a escrita da história local.

Precisa-se formar os curadores do Museu e potencializar os conhecimentos sobre as formas de tratamento com os visitantes.

É preciso que a água esteja disponível a todo momento que os visitantes estiveram no Museu, pois durante a pesquisa, as torneiras não saíam água, para que os visitantes lavassem as mãos, antes e depois da entrada. Isso pode contribuir para o aparecimento de várias doenças.

Em relação a escola, é preciso além das visitas feitas ao Museu, como local para exposição e de recreação, é preciso que os professores, assim como a direção da escola, falem do projeto, o Museu vai à escola, nas sedes das ZIP-Zona de Influência Pedagógica para que as escolas próximas tenham conhecimentos sobre o espaço museológico que o Museu de Maciene oferece. A escola primária de Maciene, como a escola próxima ao Museu, deve sensibilizar as escolas da ZIP que dentro dos seus planos internos de trabalho devem incluir as atividades extracurriculares com foco a ida ao Museu. As crianças em idade escolar devem ter o contato com o Museu.

As escolas devem realizar palestras com o objetivo de dar a conhecer o que o Museu oferece.

Deve se criar jornadas de limpeza, com o objetivo de levar os alunos a fazerem limpeza no Museu.

Devem tornar esta atividade como obrigatória para que se busque mais conhecimentos sobre o Museu. Fazer propostas que incentivem o governo a incluir os museus nos planos curriculares e para que a ida ao museu seja um referencial Nacional e também se busque mecanismos de cada região ou localidade ter seu próprio museu.

Em relação à comunidade, deve intensificar palestras locais, com vista a reforçar conhecimentos sobre o Museu, incutir na comunidade sobre a educação patrimonial.

Deve se criar grupos de patrulha para que haja reforço nos guardas locais, o que vai permitir maior vigilância daquele local.

Sensibilizar a população para a cultura de plantio de árvores no Museu, pois poderão servir de sombra, mas também essa atividade de plantio deve ser antecedida de uma escuta que vai resultar em escala dos membros da comunidade, em que uns irão plantar árvores e outros irão regar. Isso só pode funcionar se a comunidade estiver unida. O líder tem a tarefa de manter um bom ambiente na comunidade e estreitar boas relações entre o Museu e a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a pesquisa produziu elementos que indicam para a resposta do objetivo geral de buscar a relação formativa da escola com o museu. O alcance do objetivo passa pela análise da contribuição do Museu aberto de Maciene no processo formativo das crianças vinculadas à escola local e pela busca de entender o nível de compreensão que as pessoas ao redor do Museu têm sobre esta temática.

A pesquisa destaca a importância do Museu para a sociedade, os aspectos relevantes que podem contribuir para o processo formativo das crianças. O Museu foi entendido como um centro de diversão e de lazer, em simultâneo ocupa um lugar muito importante na aquisição de conhecimento, no parâmetro educativo o Museu deve investir em cursos que instrua com que as escolas façam exposição.

Como instituição que trabalha ao serviço da sociedade, tem-se deparado com vários problemas que dizem respeito à disseminação do patrimônio cultural que encerram, ora, a sua função educativa não tem uma ampla abrangência, pois precisa-se de capacitar a comunidade ao redor do Museu, sobre a sua funcionalidade, educativa. Porém para fazer face ao cenário de falta de utentes usa-se diferentes estratégias tais como distribuição de panfletos, internet e educação patrimonial como é o caso do projeto “o museu vai à escola.

O Museu desempenha um papel fundamental na formação de homem, mas as crianças precisam de uma interação com os Museus, aprender a falar com os objetos, pois dão a mais valia o passado.

No curso de todas estas etapas, a sua função educativa foi evoluindo e atualmente estas instituições são reconhecidamente percebidas como importante espaço de educação da sociedade, podendo contribuir de maneira rica no processo de aculturação dos indivíduos, principalmente no que diz respeito à promoção da valorização, reconhecimento e proteção ao patrimônio cultural. Isto ocorre pelo fato do museu poder proporcionar uma interação planejada e sistemática, através de suas ações educativas, entre o indivíduo e o bem cultural presente em seus acervos. Entretanto, para que este processo ocorra de maneira satisfatória, uma parceria com a escola se faz necessária e até indispensável para a consolidação da função educativa do Museu para que este participe ativamente do processo de educação no sentido de proporcionar o desenvolvimento integral do indivíduo.

Desse modo, Museu e escola, dentro de suas especificidades, através de uma integração de suas atividades educacionais podem e devem contribuir no processo de educação da sociedade a fim de garantir o pleno desenvolvimento de todos os aspectos do ser humano e

garantir a oportunidade de estes poderem usufruir do patrimônio cultural historicamente herdado e reconhecê-los como sendo seus por direito.

REFERÊNCIAS

ABRAHAMSON; NILSSON. **Moçambique em transição: um estudo da história de desenvolvimento durante o período 1974-1992**, Maputo : CEGRAF, 1994.

ALBANO, C. (org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002.

AMBROSE, T.; PAINE, C. **Museumbasics**. Londres: Routledge, 2006

AZEVEDO, C. B. **Educação patrimonial, ação educativa em museu e ensino-aprendizagem em história**. Akrópolis Umuarama, v. 18, n. 4, p.299-314, out./dez. 2010.
BARBOSA, N. M.

BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano. **A exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Serie, v. 2, 1994.

BEZERRA DEMENEZES, Ulpiano. **Memória municipal, história urbana**. Revista Cepam, São Paulo, n. 4, 1990

BOSI, E. (2003). O tempo vivo da memória: **ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê

BOURDIEU, P. O amor pela arte: **os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2003.

BRANDÃO, A.G. **Educação patrimonial em espaços museais: estudo de caso no museu de história natural da universidade federal de alagoas**. Maceió 2023

BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BUENO, Natália; LAMAS Sabella. **Moçambique e “uma guerra que parece não ter fim”** em Terra Sonâmbula. Revista de Ciências Sociais — Fortaleza, v. 52, n. 1, mar./jun., 2021, p.109–138

CABRAL Magaly e RANGEL Aparecida; este texto faz parte do Caderno Temático **Comunicação e Educação em Museu**, a ser publicado pelo IBRAM. REFERÊNCIAS
Adotaram aqui as denominações constantes na Portaria Normativa nº 1, de 5 de julho de 2006

CALDEIRA, Ana Paulo Sampaio; DOUGLAS, Attila Marcelino. **Lugares e práticas, Historiografia**, escrita, museus, imagens e comemorações, 2021

CAZELLI, Sibeles; VALENTE, Maria Esther. **Incursões sobre os termos e conceitos da educação museal**. Revista Docência e Cibercultura, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 18–40, 2019

CHAGAS, M. (2005, 18 de Maio). **Cultura e patrimônio e Memória**. Revista Museu. Acesso em 12 de Março de 2024, de [http://www.revistamuseu.com.br/18 de maio/artigos.asp?id=5986](http://www.revistamuseu.com.br/18%20de%20maio/artigos.asp?id=5986)

CHAGAS, Mario de Sousa. O museu-casa como problema: **comunicação e educação!** O em Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, Editora Unesp, Estação Liberdade, 2001.

CORDEIRO, A.O.T. **Memória, Patrimônio e Museologia: a importância das dimensões sociais**, 2022 Revista Espacialidades[online]. 2022.2, v. 18, n. 2, ISSN 1984-817X

CORDOVIL, M. 1993. **Novos Museus Novos Perfis Profissionais**. Cadernos de Museologia Nº 1.

COSTA, L.M. CASTRO, V, R. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?** Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 125-131

CUNHA, C.A.L. **A função educativa do museu e a relação com a escola**. In 3 Seminário Brasileiro de Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios. Belem-PA: Universidade Federal do Para, 2017

CUNHA, L.A.C. **A função educativa do museu e sua relação com a escola**. 3º Sebras mus

DECLARAÇÃO DE CÓRBOA/MINOM-ICOM. **XVII Conferência Internacional do MINOM A museologia que não serve para a vida, não serve para nada**. Córdoba, Argentina – 12, 13 e 14 de outubro de 2017.

DEMARCHI, L.J. O que é, afinal, a educação patrimonial? Uma análise do Guia básico de educação patrimonial, USP, BRASIL, 2018

DIAZ, B, S, A, J. **As relações internacionais da construção do Estado em Moçambique: pós-independência, guerra civil e transições políticas**. Rev. Carta Inter., Belo Horizonte, v. 17, n. 2, e1285, 2022

FARIAS, E. K. V. **A construção de atrativos turísticos com a comunidade**. In: MURTA, S. M.; Disponível em: http://www.minomicom.net/files/minom_2017declaracion_de_cordoba_-_es_p-port-fr-ing_0.pdf > Último acesso: 03 jun. 2023

FEIO, Maria. **Relação entre escola e museus: olhar crítico sobre o concurso “A minha escola adota um museu.”** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Artística) Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15730/2/ULFBA_TES%20766.pdf. Acesso em: 01 de julho 2025.

FERREIRA, E, C,V: **Relação museu escola: um olhar para o ensino da cultura negra nas ações educativas do museu de Folclore Edison Carneiro (1968-1982)**. Revista de História hoje v,13n27,2024

FERREIRA, M. L.M. (2006). Patrimônio: **discutindo alguns conceitos**. Diálogos, 10 (3), 79-

FERREIRA, R. 2010. **Cultura Imaterial e Educação Patrimonial**: Notas sobre Museus e o Valor Educativo do Patrimônio Intangível. Revista Electrónica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Museologia e Patrimônio- v.3 nº.2. disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>

FILIPE, K. 2014. **Gestão dos Museus: as funções e políticas museológicas**. Texto de apoio para aulas de Museologia e Museografia (texto não publicado, adaptado e compilado na posse da autora).

FILIPE, K. 2014. **O turismo cultural no contexto da gestão do património cultural**. Maputo. In Manual de Conservação do Património Cultural Imóvel em Moçambique (ccord. Albino Jopela). Maputo: Ministério da Cultura: Direção Nacional do Património Cultural.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além de pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (Orgs.) *Memória e Patrimônio - Ensaio contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 59-79.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Atlas, São Paulo, 2000

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, SP, v.26, n.2, 1995.

HEIZER, Alda. **Algumas reflexões sobre a inclusão da temática das Exposições Universais nos programas escolares**. In: MUSEU DA VIDA; MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS. O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro, 2001-2002. p. 32- 35. (Caderno do Museu da Vida, n. 1).

HENKLEIN, E; HAUCK A. **Escola e Museu: Uma relação possível**. Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 31, p. 42-49, 2022

HORTA, M. L.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básica de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HORTA, MLP. (2000) **Fundamentos da educação patrimonial**. Ciências & Letras, nº27, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, pp. 25-35

ISSAK, A. 2006. **Museus como unidades documentais**: Seu papel na educação da comunidade. 3º Seminário Regional Sul de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus

KNAUSS, Paulo. **Museus e patrimônio cultural no Brasil: trajetórias e desafios**. Cadernos de Sociomuseologia, n. 7, 1996.

MACAMO, S. 2003. **Dicionário de Arqueologia e Patrimônio Cultural de Moçambique**. (Texto não publicado) Maputo. Ministério da Cultura.

MACMANUS, Paulette. **Educação em Museus: Pesquisas e Práticas**. In: MARANDINO, Marta; MONACO, L. (Org.). São Paulo: FEUSP, 2013, p. 20-30

MAIA, F. A. M. **Educação Patrimonial: Debate de Conceitos e Interpretações** “Patrimônio Cultural – Identidade e Memória” de Conselheiro Lafaiete, Uberlândia/MG 2024

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991

MATOS, I. A. P. Educação Museal: **O carácter pedagógico do museu na construção do conhecimento**. n.1, p93-104.2014

MAYRING, Ph. (2000). **Qualitative Inhaltsanalyse**. Grundlagen und Techniken (7th edition, first edition 1983). Weinheim: Deutscher Studien Verlag

MAZULA, Brazão. **Educação, cultura e ideologia em Moçambique**, 1975-1985. Universidade de São Paulo. Brasil

MENESES, Ulpiano T. B. **memória e cultura material: documentos pessoais e espaço público**. *Estudos Históricos*, São Paulo, n. 21, p. 89-103, 1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MENESES, P. M.; MADIME, P. O., MACAMO, L. S. **A conservação do património cultural imóvel em Moçambique: a emergência política do conceito e a evolução da sua aplicação**. RILP - Revista Internacional para a Língua Portuguesa - n.º 47 – 2025

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. **O desafio da pesquisa social**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

NDORO, W. (2001). **Your monuments our Shrine: the preservation of Great Zimbabwe**. *Studies in African Archaeology* 19. Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.

OLIVEIRA, A. L. B. TICLE, M. L. S. **Ação Educativa em Museus: Caderno 04**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

PESSANHA, Jose Americo. **O sentido dos museus na cultura**. O museu em perspectiva. Rio de Janeiro: Funarte, 1996. (Série Encontros e Estudos, v. 2).

PORTA, Paula. **Política de Preservação do Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, Iphan: 2012.

RAMOS, F. R. L. A danação do objeto: “**O museu no ensino de história.**” Chapecó: Ed. Argos, 2004.

RAMOS, L,R,F. A danação dos objetos. **O Museu de ensino história.** Associação Brasileira de Editoras Universitárias. 2008

READ, Herbert. **A Redenção do Robô.** São Paulo: Summus Editorial, 1986. In: A Educação pela Arte, São Paulo, Martins Fontes, 1982.

RIFFEL, R.E. **Educação patrimonial e processos educativos:** Referências culturais como espaço de ensino-aprendizagem na educação básica. História Unicap, v. 4 , n. 7, jan./jun. de 2017

Robinson, Alexander Robinson. This thesis is presented for the degree of Doctor of Philosophy. 2006

RODRIGUES, A. R. **O Museu Histórico como agente de Ação Educativa.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. v. 2, n. 4, dez. 2010. p. 215-222.

RODRIGUES, A. R. **O Museu Histórico como agente de Ação Educativa.**Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. v. 2, n. 4, dez. 2010. p. 215-22

SANTANNA, Denjse Bemuzzide. Corpo, etica e cultura. In: BRUHNS, Heloisa; GUTIERREZ, Lws (Orgs.). **O corpo e o lúdico:** ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

SANTOS, M.C.L.F; MARQUES, H.R; CASTILHO, M.A. **Museu e escola:** Parceria na efetivação das ações culturais para formação do público consumidor. Revista Multitemas. 2018

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museu e Educação:** conceitos e métodos. In ENCONTROS MUSEOLÓGICOS: Reflexões sobre a Museologia, a Educação e o Museu. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, IPHAN, DEMU, 2008

SEMEDO, Alice (2004) Da invenção do museu público: tecnologias e contextos. **Ciências e Técnicas do Patrimônio.** Porto: Faculdade de Letras. I Série, vol. III, pp. 129-136. Disponível em: URL <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4087.pdf>.

SEMEDO, Alice (2004) Da invenção do museu público: tecnologias e contextos. **Ciências e Técnicas do Patrimônio.** Porto: Faculdade de Letras. I Série, vol. III, pp. 129-136. Disponível em: URL <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4087.pdf>, a cessado em 22.05.2025

SIQUEIRA, J,M: **O signo de participação: Museu e educação na perspectiva sociológica.** Revista de arqueologia Publican.9,2014.

STUDART, D. C. **Educação em museus:** produto ou processo? Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia/IPHAN. v. 1, n. 1,. Rio de Janeiro, 2004, p. 34-40.

SUANO, M. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

TAMANINI, E: **Museu, educação e arqueologia.** Prospecções entre teoria de pratica, suplemnto 3:339. Revista de arqueologia e Etnologia 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARINE, HUGUESde (2004)**Patrimônio e educação popular.** Aprender ao longo da vida,nº 2,pp.36-41 [Consultado em 2010-03-25] Disponível em <URL http://www.direitodeaprender.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=194&Itemid=30

ZANOTELLI, C, A; ZUCOLOTTI, A, M: **Dialogo entre Museu e escola: Relações possíveis no cenário de pesquisa atual.** Revista Multidisciplinar de ensino, pesquisa Extensão e Cultura do instituto de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.v.8n.18,2019

MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES

ALDE, A, M. **O Papel dos Museus na Disseminação do Património Cultural:** O caso do Museu Nacional da Moeda. Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane. Maputo 2016

AZEVEDO, O,P,C. **OLUGAREOPAPELDAEDUCAÇÃOONOSMUSEUMUNICIPAIS.** Dissertação de Mestrado. Lisboa 2010

BRANDÃO, A,G.**Educação patrimonial em espaços museais:** estudo de caso no museu de história natural da universidade federal de alagoas. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Biblioteconomia. Maceió 2023

COSSA, I,M, **Museus e Instituições Museológicas em Moçambique:** Uma Análise dos Desafios e Constrangimentos ao seu Funcionamento, Maputo, outubro de 2021. Dissertação de licenciatura

CUMBA, C, N. **Desarmamento, Desmobilização e Reintegração social dos Combatentes da Guerra dos 16 anos no Distrito de Zavala 1992-1994.** Dissertação de licenciatura em História. Maputo, Marco de 2025

RUSSIO, W. P. (1977). **Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento.** (Dissertação de Mestrado) São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política – Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais.

DECRETOS E RESOLUÇÕES

Decreto n.º 27/94 de 20 de Julho, BOLETIM DA REPÚBLICA Quarta-feira, 20 de Junho de 1994 I SÉRIE - Número 29

Decreto nº 26/93, Terça-feira, 16 de Novembro de 1993de conselho de Ministros– SÉRIE-Número 45

Lei n.o 10/88 de 22 de Dezembro, BOLETIM DA REPUBLICA, I SÉRIE-N ú m e r o 51

Resolução n.º 12/97 de 10 de Junho de Conselho de Ministros- I SÉRIE - Número 23

Resolução nº11/2010 de 2 de junho de conselho de Ministros- I SÉRIE -NÚMERO 22

Anexo

ANEXO I**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU NO PROCESSO FORMATIVO DE CRIANÇAS: ESTUDO SOBRE O MUSEU ABERTO DE MACIENE-CHONGOENE EM MOÇAMBIQUE**, desenvolvido pelo acadêmico Wildes Ernesto Matlombe, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Fioravante Giareta. O objetivo central do estudo é Analisar as competências e habilidades das crianças desenvolvidas no Museu Aberto de Maciene. O convite para a sua participação se deve ao fato de você ser professor(a) aluno(a), curador(a) e ou Membro da comunidade.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista ao pesquisador do projeto. A gravação da entrevista é condição indispensável à participação e será gravada somente se houver a sua autorização. A duração da entrevista será indeterminada o que poderá permitir aos entrevistados a livre narração da experiência sobre o contributo do museu no processo formativo da criança. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/2012.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese. Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com os responsáveis através dos e-mails: paulo.giaretta@ufms.br , wildes.matlombe@ufms.br e do telefone: (67)99110-8400.

[] marque esta opção se você concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada gravação em áudio.

Nome e assinatura do pesquisador

Wildes Ernesto Matlombe

Maciene, aos 03 de Junho de 2025

Local e data

Nome e assinatura do participante da pesquisa

, _____de ____de

Local e data

ANEXO II

QUESTIONÁRIO FECHADO

Questionário	Categoria de Resposta		Total de inquéritos	%	
	Sim	Não		Sim	Não
1. Tem algum conhecimento sobre o Museu?					
2. Alguma vez participou em uma exposição?					
3. A ida ao Museu deve fazer parte dos planos curriculares?					
4. O Museu contribui para conservação do patrimônio histórico?					
5. É importante levar as crianças ao Museu, porque começam muito cedo a lidar com objetos.					
6. No projeto educativo do museu devem existir cursos para orientar a montagem de exposição da própria escola.					
7. O Museu, tem uma particularidade pedagógica enorme, ao introduzir um caráter científico nas crianças, através de uma reflexão profunda nos objetos					

ANEXO III

QUESTIONÁRIO ABERTO

1. Pode falar um pouco sobre o projeto Museu vai à escola?
2. **P**orque razão é importante esse projeto para o Museu?
3. Como este tipo de projeto ajuda a desenvolver cultura científica nos alunos?
4. Que tipo de metodologia são usadas no Museu para facilitar a compreensão dos objetos?
5. Que atividades podem ser realizadas no Museu durante a visita?
6. Quais destas atividades as crianças gostam mais?
7. Qual é a importância de o Museu estabelecer uma relação com as escolas?
8. Existe uma atividade antecipada por parte do professor antes da visita ao Museu?
9. Quais estratégias podem ser usadas para garantir que as crianças mantem um envolvimento ativo e interesse pela exposição?